



UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO

Instituto de Filosofia e Ciências Humanas

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS – MESTRADO EM LETRAS
Campus I – Prédio B3, sala 106 – Bairro São José – Cep. 99001-970 - Passo Fundo/RS

Adriana Galina Rovani

**A construção dos sentidos no texto falado: o trabalho de seleção
lexical**

Passo Fundo

2005

Adriana Galina Rovani

A construção dos sentidos no texto falado: o trabalho de
seleção lexical

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de Passo Fundo, como requisito para obtenção do grau de mestre em Letras, tendo como orientador o Prof. Dr. José Gaston Hilgert.

Passo Fundo

2005



Dedico este trabalho a minha mãe, que muito torceu para que eu ingressasse no mestrado, e hoje acompanha minha conquista, infelizmente distante de meus olhos, mas eternamente ao meu lado e dentro do meu coração.

—Agradeço especialmente ao Alexandre, que foi paciente e compreensivo em adiar seu sonho em função dos meus propósitos e sempre acreditou em meu potencial.

—Aos meus irmãos que muito torceram por mim e em momentos de desânimo, não deixaram de oferecer palavras de conforto.

—Aos meus pais que me deram a vida e ensinaram a humildade de viver.

— As minhas colegas com as quais desfrutei os bons momentos de estar em uma sala de aula, não como professora, mas como aluna.

— Aos professores, coordenação, secretária e todos aqueles que tão gentilmente nos receberam na primeira turma de Mestrado em Letras da instituição.

—Ao meu orientador, professor doutor José Gaston Hilgert, que sempre se mostrou prestativo em orientar minhas reflexões e soube a forma certa de apontar os equívocos, sempre proferindo palavras fortalecedoras.

Falar, de certo modo, é reinventar a língua, já que o que se diz estava por ser dito e, ao dizê-lo, damos-lhe uma forma imprevisível até para nós mesmos.

*(GULLAR, Ferreira. “ A coisa está branca”.
Folha de São Paulo, 15 de maio de 2005.)*

RESUMO

Este trabalho situa-se no âmbito dos estudos da língua falada. Seu objeto de investigação é, portanto, o texto falado, aqui concebido como o produto da interação entre dois interlocutores, em situação face a face. Diferentemente do texto escrito, no qual a maior parte dos procedimentos constitutivos vem apagada, o texto falado, por suas condições de produção específicas, registra, passo a passo, praticamente todas as etapas de sua constituição, ao menos no que se refere às atividades verbais. Isso implica dizer que a análise do texto falado permite refazer em detalhes o caminho de sua enunciação. Sob essa perspectiva, associando-nos aos trabalhos que buscam descrever e, conseqüentemente, compreender os procedimentos de constituição do texto falado, quer-se, aqui, especificamente focalizar o procedimento denominado de *seleção lexical*. O texto falado se caracteriza pelo fato de ao menos dois interlocutores interagirem lingüisticamente em situação face a face, sem planejamento prévio e numa seqüência que se desdobra na alternância de turnos. Os interlocutores, portanto, planejam o texto à medida que o constroem. Essas condições de produção, particularmente a da simultaneidade entre “o que dizer” e “como dizer”, imprimem ao texto falado o traço da *descontinuidade*, o qual se manifesta por meio de pausas, hesitações, interrupções, recomeços, repetições, paráfrases, correções e outras atividades que, no conjunto, põem em evidência o constante e consciente trabalho realizado pelos falantes na formulação do texto. Nesse processo de formulação marcado pela descontinuidade, destaca-se o trabalho de busca lexical para definir determinada denominação no curso de um enunciado em construção. O falante com freqüência sinaliza explicitamente, por meio de procedimentos diversos, que está, aqui e agora, na enunciação, buscando a melhor formulação para precisar o sentido em construção. É a essa busca que, neste trabalho, se dá o nome de seleção lexical. É objetivo

desta pesquisa, identificar quais são e descrever como se manifestam esses procedimentos sinalizadores do trabalho de denominação. Depois de serem reunidos em diferentes categorias, segundo critérios diversos, a análise se volta especificamente àquela categoria de procedimentos em que o processo de seleção lexical se manifesta por meio de uma sucessão de elementos lexicais, paradigmaticamente relacionados, numa determinada casa da seqüência sintagmática do enunciado em construção. Pretende-se particularmente focalizar os movimentos semânticos que se revelam nesse desdobramento lexical, contribuindo, assim, com o desvelamento dos processos de construção dos sentidos no texto e do texto.

Palavras-chave: construção do sentido, interação, movimentação semântica, seleção lexical, texto falado, trabalho de denominação.

ABSTRACT

This paper is situated in the spoken language field. Then, its object of investigation is, the spoken text, here conceived as the product of the interaction between two interlocutors in a face to face situation. Other than the written text, in which most of the constitutive procedures come extinguished, the spoken text, because of its own productive characteristics, marks, step by step, almost all the stages of its constitution, at least when we talk about the verbal activities. It means to say that the analysis of the spoken text allows us to redo in detail the way of its enunciation. Under this perspective, joining the papers in which the main goal is describing and, consequently understanding the procedures that build the spoken text, specially focusing the procedure called lexical selection. The spoken text has as characteristic the fact that at least two interlocutors interact linguistically in a face to face situation, without previous planning and in a sequence that unfolds in the shift rotation. Therefore, the interlocutors plan the text as they are producing it. These production situations, particularly the simultaneity of "what to say" and "how to say" give the spoken text the trace of discontinuity that can be recognized through pauses, hesitations, interruptions, restarts, repetitions, paraphrases corrections and other activities that, seen as a hole, focus the evidence of the constant and conscious work made for the speakers when making the text. In this process of building the text marked for the discontinuity, we detach the lexical searching to define certain denomination in the course of an enunciation in construction, the speaker often gives signals, explicitly through different procedures, that it is, here and now, in the enunciation, searching the best construction to define the meaning in construction and in this paper it is named as lexical selection. It is the main goal of this research, to identify and describe how the signals of the procedures manifest. After being organized in different categories,

according to different criteria, the analysis is focused mainly to the criteria of procedures in which the process of lexical selection happens through a succession of lexical elements, paradigmatically related, in a determinate place of the syntagmatic sequence of the enunciate that has been built. It is believed focus on the semantic movements that are unveiled in this lexical unfoldment , helping, then, to make the process building in the text and of the text much more clear.

Key words- building the meaning, interaction, semantic movement, lexical selection, spoken text, denomination process.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1- fala e escrita no contínuo dos gêneros textuais.....	22
Figura 2-representação dos gêneros textuais no contínuo.....	24
Figura 3- esquema sintagma e paradigma.....	75

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1 A RELAÇÃO FALA E ESCRITA	19
1.1 Fala e escrita numa perspectiva dicotômica.....	19
1.2 Fala e escrita na perspectiva de um <i>continuum</i>	22
2 O TEXTO FALADO	28
2.1 Natureza e características gerais.....	28
2.2 Atividades de formulação do texto falado	29
2.2.1 Problemas prospectivos.....	29
2.2.2 Problemas retrospectivos	30
2.3 Atividades de reformulação	32
2.3.1 A repetição	33
2.3.2 A Paráfrase	35
2.3.3 Correção	41
2.4 Atividades de qualificação	45
3 A SELEÇÃO LEXICAL NO TEXTO FALADO	49
3.1 O texto e suas condições de produção	50
3.2 Interação e construção de sentido.....	52
3.3 Compreensão responsiva	57
3.4 As escolhas lexicais e a questão valorativa.....	58
4 O ESTUDO DOS TEXTOS	62
4.1 O <i>Corpus</i> e a metodologia de trabalho	62
4.2 Análise e interpretação dos dados	64

CONSIDERAÇÕES FINAIS	97
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	102
ANEXOS	104
ANEXO A Segmentos com termos sinonímicos intercambiáveis.....	105
ANEXO B Desdobramentos lexicais de natureza corretiva.....	108
ANEXO C Desdobramentos lexicais do específico para o geral.....	109
ANEXO D Desdobramento lexical do geral para o específico.....	110
ANEXO E Normas para transcrição.....	111

INTRODUÇÃO

Neste estudo, queremos analisar e descrever especificidades nos procedimentos de seleção lexical no texto falado. Portanto, este trabalho situa-se no âmbito dos estudos da conversação ou do diálogo. Esses termos são aqui assumidos como sinônimos, na medida em que se entende por eles toda interação comunicativa entre, no mínimo, dois interlocutores que — presentes ao mesmo tempo e no mesmo lugar (ou em contato por conversa telefônica)— abordam um tema por meio da alternância de turnos de fala. Evidentemente que não analisaremos a interação viva, enquanto construção textual aqui e agora, mas o produto dessa interação. Para tanto, utilizamo-nos de textos falados gravados e transcritos para fins de análise.

Descrever o processo de construção do texto falado é, então, refazer o caminho de sua enunciação. Isso, em princípio, parece não ser tarefa tão difícil, uma vez que as condições de produção desse tipo de texto mantêm explícitas no enunciado (produto da enunciação) as marcas de seu *status nascendi*, tais como pausas, alongamentos, interrupções, recomeços, repetições, paráfrases, correções e hesitações em geral. Todas essas marcas são inerentes ao próprio processo de construção dos sentidos interacionalmente determinados, por força da necessidade de os interlocutores terem de buscar constante intercompreensão.

A espontaneidade da interação em situação face a face implica que o texto, em princípio, não venha provido de um planejamento prévio. No próprio desdobramento da interação vai-se definindo o rumo do texto, a ponto de se poder admitir que “o dizer” e o

“o que dizer” determinam o “como dizer”, ou seja, a confluência entre formulação e planejamento determina as características do texto falado.

Sendo este texto, portanto, construído e planejado à medida que a interação se desdobra, nem sempre a sua formulação é fluente, ou seja, as palavras muitas vezes não ocorrem pronta e precisamente ao falante no exato momento da construção do enunciado. Ao contrário, com muita frequência, revela-se um complexo trabalho de construção do sentido que se realiza por meio de diferentes procedimentos de elaboração textual, dentre as quais se destacam os da seleção lexical.

Para ilustrar esse fato, observemos o seguinte segmento interacional:

Doc. e e e os artistas?

Inf. os artistas eh:: também... acho fabuloso inclusive na estou vendo essa *Mulheres de areia* porque são artistas muito bons e eles trabalham assim que parece tem então o Gianfrancesco Guarnieri parece

um um débil mental mesmo

um louco... não é bem louco mas assim

um excepcional... e eu como lidei muito com isso quer dizer eu... eu há::... eu apreciei mais a... personalidade que ele está fazendo por causa disso... eu... ah:: indi/ ah como é que eu vou dizer eu... identifiquei ele com pacientes ou com pessoas com com as quais eu trabalhei... e... por isso que eu acho que ele está fazendo um papel excepcional...

(Hilgert, 1997, p. 34, linhas 433-447).

Nesse segmento, há vários momentos em que ficam evidentes as marcas do *status nascendi* do texto falado. Focalizemos, porém, somente a passagem em destaque. O falante, condicionado pela situação de interação face a face, constrói o sentido no texto, na medida em que, em determinado ponto da evolução do enunciado, busca definir a alternativa lexical mais apropriada para seus propósitos comunicacionais. É esse trabalho de busca lexical que, nesta pesquisa, chamamos de *seleção lexical*.

Na interação aqui em foco, o processo de busca é explicitado no texto¹ e se realiza por procedimentos de natureza distinta, todos, em última instância, caracterizados por deslocamentos semânticos. De “um débil mental mesmo” há um movimento semântico para o sinônimo “um louco”, termo que, até por ser de uso mais corrente, tem sentido mais

¹ Na produção do texto escrito, conforme apontaremos adiante, essa busca também acontece, mas vem apagada no produto da enunciação, isto é, na versão final do texto.

específico, carregado de um certo traço de agressividade. O falante se dá conta de que não é esse o sentido adequado para qualificar o artista, o que o leva a um procedimento de correção (“não é bem louco”), o qual resulta, finalmente, na formulação “assim um excepcional”. Mesmo em relação esta última solução —de aceção mais genérica— o falante não tem certeza de que ela é a apropriada, já que a faz anteceder pelo termo “assim”, um recorrente marcador de incerteza ou vaguidade.

Podemos afirmar, portanto, que o objetivo geral de nosso trabalho é contribuir na descrição dos procedimentos de construção do texto falado. E o objetivo específico é, dentre esses procedimentos, analisar e descrever o trabalho de seleção lexical especificamente em ocorrências como a destacada na fala acima. Esta análise consiste, principalmente, em identificar a natureza dos diferentes deslocamentos semânticos que ocorrem na passagem de um termo a outro e, com a identificação dessa natureza, temos o propósito de estabelecer categorias de deslocamentos mais recorrentes.

Buscaremos nossos objetivos por meio da análise de um *corpus* constituído por textos falados, gravados e transcritos por pesquisadores do projeto NURC (Norma Urbana Culta). Será analisado um conjunto de 8 inquéritos do tipo (DID), diálogos entre informante e documentador, publicado em coletânea organizada por Hilgert (1997)². Em cada um dos inquéritos serão levantadas as ocorrências em que o trabalho de seleção lexical se manifesta e, a seguir, cada ocorrência será analisada do ponto de vista da natureza do movimento semântico que nele se realiza. Essa análise, como já dissemos, possibilitará, construir um quadro de categorias de movimentos semânticos mais recorrentes.

Apresentadas essas informações prévias sobre o contexto dos estudos lingüísticos em que nosso trabalho se situa, sobre a natureza e delimitação específicas do objeto de investigação, sobre os objetivos que, com a análise dos dados, queremos alcançar e sobre a procedência desses dados, queremos agora apresentar, brevemente, a estrutura geral do trabalho.

² HILGERT, J. G. *A linguagem falada culta na cidade de Porto Alegre: diálogos entre informante e documentador*. Passo Fundo / Porto Alegre: UPF / UFRGS, 1997.

No primeiro capítulo, com o objetivo de já dar início à configuração da identidade do texto falado, desenvolvemos um estudo, baseado em Marcuschi (2003)³, no qual discutimos a relação entre fala e escrita e, conseqüentemente, estabelecemos critérios que identificam o texto falado em relação ao escrito. Nesse estudo situamos também o texto falado no *continuum* dos gêneros textuais proposto por Marcuschi.

No segundo capítulo, focalizamos a natureza e as características do texto falado determinadas pelas condições de sua produção. Dentre essas características, damos ênfase às principais estratégias de formulação e reformulação a que os falantes recorrem para construí-lo, a saber: a repetição, o parafraseamento, a correção e as atividades metadiscursivas de qualificação. A importância dessas estratégias para a nossa pesquisa reside no fato de que os movimentos semânticos, na seleção lexical, em geral se realizam por meio de alguma delas, especialmente, por atividades parafrásticas e de correção.

O terceiro capítulo aborda especificamente a questão central de nosso estudo: o trabalho da seleção lexical, que é uma instância de construção do sentido no texto. Para entendermos esse processo, fundamentamo-nos, basicamente, na concepção de linguagem de Bakhtin (2002, 2003)⁴, na qual o autor define a natureza da produção dos sentidos. Segundo ele, todo sentido se origina, aqui e agora, na enunciação, que sempre acontece numa relação comunicativa, necessariamente realizada num contexto sócio-histórico dos interlocutores.

No quarto capítulo, apresentamos, num primeiro momento, o *corpus* da pesquisa e descrevemos os procedimentos metodológicos do trabalho. A seguir, passamos à análise e à interpretação dos dados e seu enquadramento em diferentes categorias, conforme o grau de explicitude dos procedimentos de seleção lexical.

O último capítulo destina-se a considerações finais. Nele destacaremos as conclusões do trabalho, apontando para seus alcances e limites e para o que elas podem representar para uma melhor compreensão dos procedimentos de construção dos sentidos em situações de interação lingüística face a face.

³ MARCUSCHI, L.A. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. 4^a.ed. São Paulo: Cortez, 2003.

⁴ BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003; e BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 10. ed. São Paulo: Hucitec, 2002.

Por fim, para fechar este texto introdutório, gostaria⁵ de registrar que o motivo que me levou a desenvolver este estudo na área da conversação encontra-se, principalmente, em minha experiência como bolsista de iniciação científica, durante a graduação em Letras. Nessa experiência como bolsista, seguindo orientações do mesmo professor que hoje orienta meu trabalho de mestrado, dediquei-me ao estudo da conversação em interações mediadas pela *internet*.⁶ Embora uma conversação (chat) na *internet* tenha características específicas que a distinguem da conversação face a face, os fundamentos teóricos para a explicação e compreensão dos fatos lingüístico-discursivos são similares, quando não idênticos. O mesmo pode se dizer dos procedimentos metodológicos de análise dos dados. Portanto, o presente trabalho foi, em boa parte, impulsionado por essa minha primeira experiência em análise lingüística.

Além dessas considerações, minha prática docente, como professora de língua portuguesa também foi relevante, uma vez que meu trabalho cotidiano volta-se à leitura e interpretação de textos e, infelizmente, em geral - é preciso admitir - a escola dá maior tempo e importância ao trabalho com o texto escrito. Não cabe aqui discutir se essa prioridade se justifica ou não para um melhor desempenho dos alunos no que respeita ao uso da linguagem em geral. Ao menos, com base na avaliação dos textos que os alunos escrevem e na competência que revelam na compreensão das leituras que fazem, é difícil argumentar contra a referida prioridade.

Mas, constata-se também, na escola, a quase total ausência do trabalho com o texto falado. Muitos professores, entre os quais me incluo, têm consciência dessa lacuna, já que é na fala que a linguagem se realiza por excelência, no entanto faltam-lhes elementos teóricos e metodológicos para abordar textos dessa natureza.

Minha opção de trabalhar com esse tipo de texto, nesta dissertação, é determinada, também, pelo interesse que tenho em conhecer melhor a natureza e as estratégias de construção dos textos falados e, então, com o domínio desses conhecimentos, poder tanto

⁵ É intencional a mudança para a primeira pessoa.

⁶ Os resultados de meu trabalho apresentei nas Mostras de Iniciação Científica da Universidade de Passo Fundo e da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

planejar minhas próprias atividades, que incluam o texto falado no ensino da língua portuguesa, quanto estimular e orientar colegas nesse sentido.

1 A RELAÇÃO FALA E ESCRITA

Ter como objeto de pesquisa o texto falado implica admitir que ele tem características específicas que o distinguem do texto escrito. Por isso, consideramos relevante, antes de restringirmos nossa atenção ao texto falado, discutir aspectos gerais que o distinguem do escrito ou, mais amplamente, que distinguem a fala da escrita. Fazendo essa abordagem, estamos dando o primeiro passo na configuração da identidade do texto falado.

Trataremos desses dois modos de manifestação da língua, contrapondo uma concepção dicotômica ingênua da relação fala e escrita à noção de *continuum*, para explicar essa relação, conforme propõe Marcuschi (2003). Em outras palavras, pretendemos contrapor, no dizer desse autor, uma abordagem meramente *medial* a um enfoque *conceptual*.

1.1 Fala e escrita numa perspectiva dicotômica

O homem, do ponto de vista de sua necessidade comunicativa, pode ser caracterizado como um *ser que fala* e não como um *ser que escreve*. Apesar dessa prioridade da fala, na constituição e realização das práticas sociais humanas, quem tradicionalmente teve o privilégio da atenção dos estudos lingüísticos foram as manifestações escritas. O texto falado tornou-se objeto da investigação lingüística só mais recentemente, na história da Lingüística.

A relação entre fala e escrita é, em geral, focalizada sob uma perspectiva estritamente dicotômica. A escrita é identificada por sua natureza gráfica, e a fala, por sua natureza fônica. Esse enfoque se limita, portanto, a distinguir essas manifestações da linguagem, exclusivamente, do ponto de vista do *meio* da realização lingüística.

No âmbito dessa visão, a escrita é considerada monologada, estável, sem variação, previamente planejada, normatizada, descontextualizada, complexa, abstrata, tematicamente condensada, formal. A fala, por sua vez, caracteriza-se por ser dialogada, marcada pela variação, não planejada, contextual, de estruturação sintático-lexical mais simples, concreta, tematicamente descentrada, informal.

Em relação a essa comparação, Marcuschi (Ibid., p.37) faz a seguinte consideração:

Quando se olha para a escrita tem-se a impressão de que se está contemplando algo naturalmente claro e definido. Tudo se passa como se, ao nos referirmos à escrita, estivéssemos apontando para um fenômeno se não homogêneo, pelo menos bastante estável e com pouca variação. O contrário ocorre com a consciência espontânea que se desenvolveu a respeito da fala. Esta se apresenta como variada e, curiosamente, não nos vem à mente em primeira mão a fala padrão.

Essas distinções vêm ainda reforçadas pelo senso comum de que a escrita é adquirida basicamente na escola, tratando-se de um bem cultural desejável. Já em relação à fala, constrói-se uma consciência espontânea que a considera como variada e sem prestígio social, visto que é adquirida naturalmente, em contextos informais. De acordo com o autor, a fala é considerada o lugar do erro e do caos gramatical; já a escrita, o lugar da norma e do bom uso da língua. Essas caracterizações levaram as manifestações lingüísticas por meio da escrita a serem avaliadas positivamente, e as outras, negativamente.

Essa valorização positiva da escrita foi, em grande parte, responsável pelo lugar de evidência que foi dado aos estudos dos aspectos normativos da língua e, em decorrência, pela constante preocupação em definir normas de bom uso da língua, identificadas com o padrão culto desse uso. As manifestações faladas, evidentemente, não receberam esse destaque. Pelo contrário, nem era de interesse dos gramáticos abordar questões referentes ao uso da língua nessa modalidade, até porque, para eles, não havia distinção entre falar e escrever bem. Defendiam o ideal utópico de que fala bem aquele que fala como escreve.

Por essas razões, os estudos lingüísticos centraram-se, historicamente, nas manifestações escritas, abordando, particularmente, a língua enquanto sistema. A maioria das gramáticas normativas ainda hoje em uso, nas escolas, descreve a língua e orienta o seu uso somente na perspectiva da escrita. Em decorrência, o ensino da língua, na prática escolar, também é predominantemente voltado a esse modo de realização da língua, quando não se reduz ao ensino de regras gramaticais que, pretensamente, deveriam levar ao bom uso da língua.

De acordo com Marcuschi, a fala não apresenta propriedades intrínsecas negativas, nem possui a escrita propriedades intrínsecas que a tornem superior. Ambas, fala e escrita, são modos de representação cognitiva e social que se manifestam em práticas específicas. Postular qualquer espécie de supremacia de uma sobre a outra é, sem dúvida, do ponto de vista das ciências da linguagem, atitude equivocada.

Mas, se a mencionada visão dicotômica, unicamente baseada no *meio* da manifestação lingüística, é ingênua, qual seria o outro critério para distinguir a escrita da fala? Esse outro critério se desenvolve a partir de uma observação empírica muito simples: com base na visão dicotômica comentada, um bilhete, escrito por uma pessoa semi-analfabeta, por exemplo, e um texto de caráter científico são incluídos numa mesma categoria, simplesmente por serem escritos. O mesmo ocorre com uma conversa informal na rua e um discurso proferido por um jurista, uma vez que são *medialmente* orais.

No entanto, muito mais relevantes do que essas distinções de ordem gráfica e fônica são, sem dúvida, as diferenças que se apresentam, no plano da escrita, entre o bilhete e o artigo científico, e, no plano da fala, entre a conversa informal e o discurso jurídico. Ainda no contexto dessa observação empírica, facilmente se constata que há maior identidade entre o bilhete (escrito) e a conversa (falada), e entre o artigo (escrito) e o discurso jurídico (falado) do que há entre as duas manifestações faladas e entre as duas escritas.

Considerando essas observações, podemos dizer que as manifestações lingüísticas evidentemente se distinguem pelo *meio* em que se realizam, mas se distinguem principalmente por outros fatores que são muito mais pertinentes do ponto de vista do uso

da língua, nas variadas práticas sociais dos falantes. É nessa perspectiva que Marcuschi (2003) contrapõe à distinção dicotômica *medial* uma distinção *conceptual* que se manifesta no desdobramento de um *continuum*.

1.2 Fala e escrita na perspectiva de um *continuum*

De acordo com o autor, do ponto de vista *conceptual*, a distinção entre texto escrito e texto falado baseia-se nas condições de comunicação e de produção do texto e, conseqüentemente, leva em conta as estratégias de formulação específicas. Nesse sentido, podemos admitir, então, que o referido bilhete e a conversa informal são, *conceptualmente*, textos de natureza da fala, e o artigo científico e o discurso jurídico, textos de natureza da escrita. Ou seja, redefine-se a noção de fala e escrita. É de caráter falado toda a manifestação lingüística (fonética ou gráfica) produzida em condições de interação e com estratégias de formulação próprias ao uso da linguagem na realização de determinadas práticas sociais. Em outras práticas sociais, circularão manifestações lingüísticas realizadas em diferentes condições de comunicação e com estratégias de formulação específicas, as quais terão o caráter da escrita.

Um texto *conceptualmente* falado prototípico apresenta, então, do ponto de vista das condições de comunicação, um alto grau de dependência situacional, de privacidade, de intimidade, de envolvimento emocional, de mútua referencialidade, de cooperação, de dialogicidade, de espontaneidade entre os interlocutores, além de marcas de formulação próprias dessas condições de produção. Essas condições também serão responsáveis por um baixo grau de centração temática desse tipo de texto.

O texto *conceptualmente* escrito prototípico, por sua vez, caracteriza-se por sua produção autônoma, pela interação não imediata entre os interlocutores, por sua explicitude, por sua densidade informativa, pelo predomínio da norma culta em sua formulação, pelo apagamento de muitas marcas de formulação e, ainda, pelo alto grau de centração temática. O texto falado e o texto escrito passam a ser definidos, então, a partir

de um conjunto de características não apenas relativas ao ponto de vista do *meio de produção*, mas especialmente a partir de sua *concepção discursiva*.

Como se explica agora a noção de *continuum*, que Marchuschi propõe para se entender a relação fala e escrita segundo o ponto de vista *conceptual*? Para melhor ilustrá-la, Marcuschi (Ibid., p. 38) apresenta o seguinte esquema:

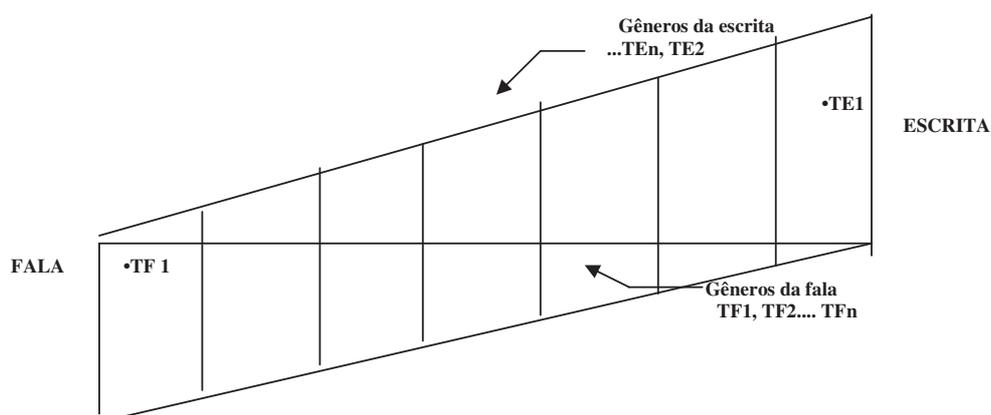


figura 1. fala e escrita no contínuo dos gêneros textuais

Como podemos observar, o esquema se divide em dois planos: o superior representa as manifestações escritas, no sentido de manifestações gráficas; o inferior, as manifestações faladas, assim identificadas em razão de seu caráter fônico. A distinção entre ambas é, portanto, de natureza *medial*. Observemos, ainda, que esses dois domínios discursivos (fala e escrita) são divididos por traços verticais, que definem uma sucessão de planos do pólo da esquerda para o da direita ou vice-versa. Cada um desses planos estabelece um recorte que pode englobar os dois planos de caráter medial (superior e inferior), estabelecendo, de um pólo a outro, a distribuição dos diferentes gêneros textuais.

Tomemos, como exemplo, TE1, que se encontra à extrema direita do plano superior. Ele se caracteriza como um texto escrito prototípico, pois representa um gênero textual de caráter gráfico e, levando-se em conta as condições de comunicação e as estratégias de formulação, também se enquadra *conceptualmente* no domínio discursivo da escrita. Para concretizar essa exemplificação, consideremos TE1 como um artigo científico. Ele vai se situar, evidentemente, no plano superior, que corresponde às manifestações escritas e, no plano dos recortes verticais, estará posicionado à extrema

direita, ou seja, trata-se de um texto que praticamente não apresenta nenhuma característica que o relacione ao gênero falado, nem do ponto de vista conceptual, nem do ponto de vista medial. Por isso o consideramos um protótipo da escrita.

No entanto, à medida que os textos se colocam mais à esquerda do plano superior, o grau de formalidade da escrita vai diminuindo e, gradativamente, elementos da fala vão se incorporando aos textos, ou seja, eles vão adquirindo características do texto falado, mas não deixam de ser, medialmente, textos escritos. Tomemos, como exemplo, os textos de conversações na *internet*, mais especificamente os *chats*. Este gênero textual, se considerado no esquema acima, ocuparia a extrema esquerda do plano superior do gráfico, juntamente com outros textos escritos que apresentam afinidade, em termos de concepção, com o texto propriamente falado. Essa afinidade ocorre porque o *chat*, embora seja uma manifestação medialmente escrita, se identifica pela condição de produção *on-line*. A possibilidade de os interlocutores interagirem alternadamente, em seqüência de turnos, como se estivessem falando, acaba imprimindo, a esse gênero textual, características típicas da fala, a ponto de os interactantes considerarem-se falando e não escrevendo, embora seja este o meio pelo qual se realize a manifestação lingüística.

O mesmo ocorre no plano inferior do gráfico 1. TF1 representa o texto falado prototípico, que é assim definido por ter, do ponto de vista do *meio*, caráter fônico e, em termos das condições de comunicação e estratégias de formulação, ser identificado, *conceptualmente*, como falado. Exemplos de TF1 são as conversas espontâneas em geral. A partir de TF1, dispõem-se, no gráfico, os textos falados de forma tal que quanto mais à esquerda estiver um texto, maior sua semelhança com o protótipo da fala. Em contrapartida, os textos que forem, gradativamente se distanciando da esquerda, continuam sendo medialmente compreendidos como falados, todavia, em termos de concepção, aproximam-se das características das manifestações escritas. Exemplo disso são as exposições acadêmicas, os discursos oficiais, as conferências, que são textos marcados pela formalidade e outras características dos textos escritos.

A partir dessa nova concepção da relação fala e escrita, Marcuschi (2003) propõe a disposição dos diversos gêneros textuais em um *continuum* tipológico. Os gêneros vão se distribuindo de um pólo a outro, ou seja, do pólo dos textos prototipicamente falados ao pólo dos prototipicamente escritos ou vice-versa, e se distinguindo entre si com base em

seus traços conceptuais, ou seja, levando-se em conta as condições de sua produção e comunicação e as estratégias de formulação daí decorrentes.

Ainda, no dizer de Marcuschi (2003,p.42):

O contínuo de gêneros textuais distingue e correlaciona os textos de cada modalidade (fala e escrita) quanto às estratégias de formulação que determinam o *contínuo das características* que produzem as variações das estruturas textuais-discursivas, seleções lexicais, estilo, grau de formalidade etc., que se dão num *contínuo de variações*, surgindo daí semelhanças e diferenças ao longo de *contínuos sobrepostos*.

Com o objetivo de visualizar concretamente a sua proposta, o autor (Ibid.,42) apresenta os gêneros textuais de uso mais freqüente no gráfico que segue:

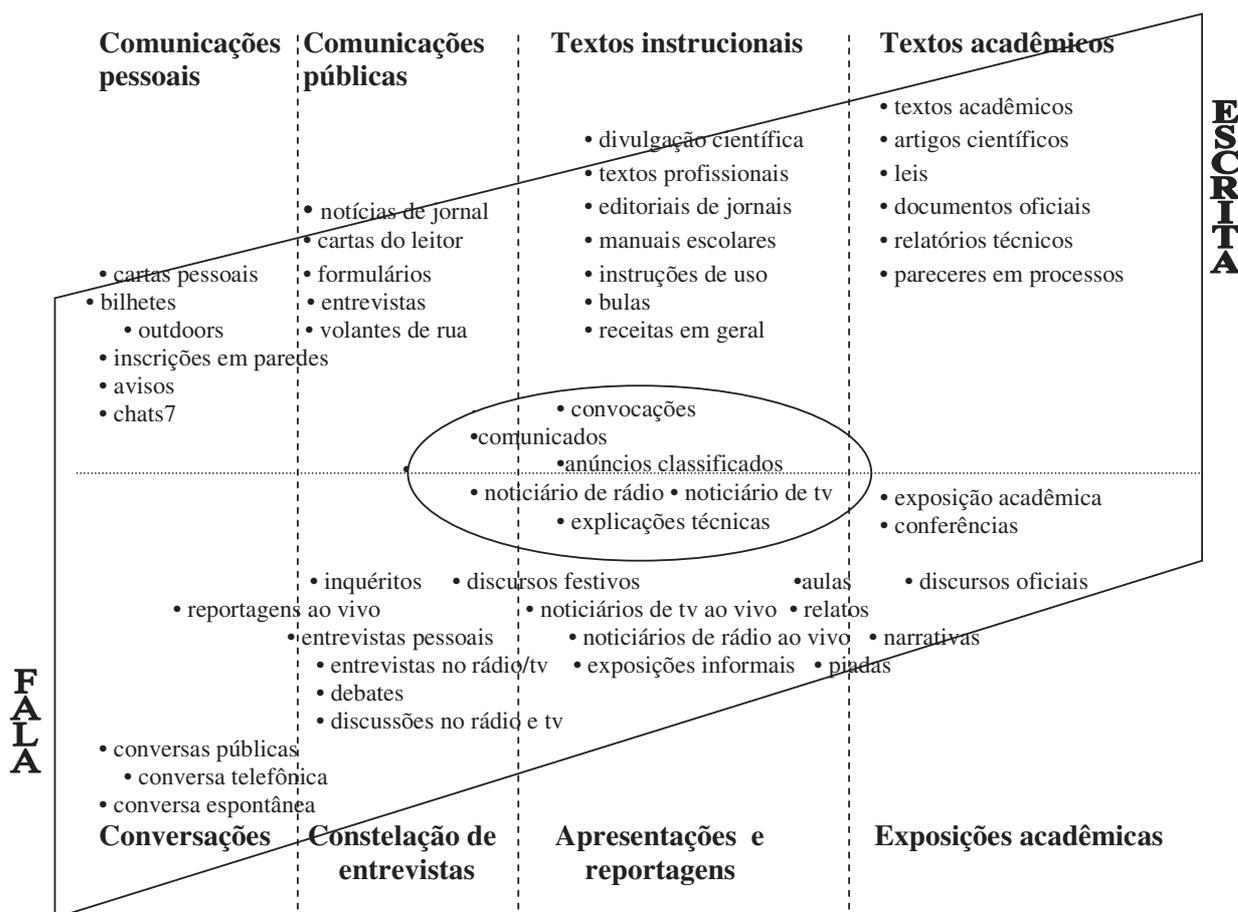


Figura 2-Representação dos gêneros textuais no contínuo

⁷ Este gênero textual foi inserido nesse continuum por nossa iniciativa.

Segundo este novo gráfico, percebemos que o *continuum* não só distingue os textos de acordo com o meio em que se realizam, mas também os identifica com base nas condições de produção e nas estratégias de formulação.

Segundo Marcuschi, há momentos em que, como mostra o gráfico, os textos se entrecruzam e dão origem a um domínio misto, ou seja, a um conjunto de gêneros textuais que se caracterizam por apresentarem um certo equilíbrio entre marcas da fala e marcas da escrita. Seria o caso dos gêneros que se localizam no centro do gráfico. O noticiário de televisão, por exemplo, que é um gênero textual que se dá em meio fônico. Essa condição faz dele um texto falado, do ponto de vista *medial*, entretanto, do ponto de vista *conceptual*, ele incorpora tanto características da produção falada quanto da escrita. Por exemplo, de um lado o noticiário costuma ser um texto planejado, produzido com cuidados em relação à linguagem padrão, o que o caracterizaria como escrito; de outro, ele se realiza numa situação de interação, em que o narrador sabe estar falando para telespectadores. Mesmo que estes não possam tomar o turno, o simples fato de o narrador ter consciência da presença *on-line* de destinatários para a sua fala, imprime nesta traços caracterizadores do texto falado, como é o caso, por exemplo, de um vocabulário de uso mais corrente e de uma sintaxe menos complexa.

Em síntese, através da perspectiva *conceptual*, fala e escrita deixam de referir textos dicotomicamente antagônicos e passam a identificar textos agrupados em função de maior ou menor grau de proximidade com a oralidade ou com a escrita. As diferenças entre fala e escrita, nessa perspectiva, dão-se dentro de um *continuum* tipológico que se constitui segundo as condições de produção do texto, determinadas pelas práticas sociais que o geram e, ao mesmo tempo, por ele são constituídas.

Por fim, essas considerações sobre fala e escrita são pertinentes a nosso trabalho, pois elas possibilitam, em primeiro lugar, introduzir a concepção de texto falado em relação à de texto escrito— Mais adiante focalizaremos de forma mais detalhada essa distinção—. Em segundo lugar, a abordagem que fizemos permite situar o nosso *corpus* de pesquisa no *continuum* acima definido. Como se trata de textos do Projeto NURC, do tipo “diálogos entre informante e documentador” – são entrevistas, portanto –, eles evidentemente não se identificam com interações absolutamente informais como conversas

de corredor ou de mesa de bar, que exemplificariam textos falados prototípicos. Situam-se, contudo, no referido *continuum*, no plano inferior do pólo esquerdo. Ou seja, são textos *medial* e *conceptualmente* falados, apesar de poderem incorporar alguns traços da produção escrita, quando, por exemplo, as perguntas feitas pelo documentador são, ao menos em parte, previamente planejadas. Muitas dessas perguntas, porém, são, no decorrer da interação, desencadeadas pela resposta do informante, o que evidencia o caráter especificamente falado das entrevistas.

2 O TEXTO FALADO

2.1 Natureza e características gerais

A interação no texto conversacional se dá por meio da alternância de turnos. Denomina-se turno cada intervenção do falante na seqüência da interação. Os turnos não são unidades conversacionais autônomas e monologadas que independem do ouvinte. Pelo contrário, falante e ouvinte determinam mutuamente seus turnos no desdobramento conversacional. Segundo Antos (apud HILGERT,2003,p.76), ao enunciar, o falante elabora uma “proposta de compreensão” para seu interlocutor. Nesse sentido, no enunciado produzido, o ouvinte precisa reconhecer o propósito comunicativo do falante e identificar a orientação da resposta a ser dada no turno subsequente, quando ele será o falante.

A condição principal de produção do texto falado consiste no fato de falante e ouvinte se encontrarem em situação face a face para interagir lingüisticamente, tendo uma breve noção do tema a ser discutido ou, até mesmo, sem que tenha havido preparação prévia do tema a ser abordado. Tal condição impõe que o texto que os interlocutores vão interativamente construindo seja planejado na medida em que vai sendo formulado e por essa especificidade é comum que ele venha marcado por descontinuidades decorrentes de “problemas” de formulação.

No dizer de Schegloff, Jefferson e Sacks (apud HILGERT,1989), o desenvolvimento de uma conversação é, por sua natureza, uma “fonte de problemas” (*trouble source*). “Problema” não designa apenas a ocorrência de “erros” ou “falhas” na formulação, mas refere também toda e qualquer situação que leva o falante, por exemplo,

durante a interação, a buscar um termo mais adequado, a corrigir um enunciado, a repetir, parafrasear ou até mesmo reconstruir a sua fala ou a do interlocutor. Segundo Hilgert (1993, p. 108), “às vezes, a suposta possibilidade de o ouvinte não vir a compreender algum enunciado também pode se revelar como um problema ao falante, impelindo-o a reformulações preventivas”. E, resumindo com Antos (apud HILGERT, 1989, p. 152), “sempre que, no processo da formulação textual, o enunciador não encontra uma alternativa de formulação imediata e definitiva, caracteriza-se a ocorrência de um problema de formulação”.

Em síntese, podemos admitir que a construção do texto falado, em razão das condições em que ela acontece, é marcadamente caracterizada por problemas de formulação. Esse fato autoriza afirmar que formular a conversação consiste em buscar alternativas de solução para os problemas que vão surgindo durante seu desdobramento.

2.2 Atividades de formulação do texto falado

São denominadas atividades de formulação todas e quaisquer manifestações lingüístico-discursivas produzidas pelos falantes na produção de seus enunciados. No desenvolvimento da interação, como se viu, freqüentemente o falante se depara com problemas de formulação, os quais se manifestam em *descontinuidades* do fluxo formulativo, lingüística ou paralingüísticamente explicitadas. Essas descontinuidades, inerentes à construção do texto falado, apontam para dois tipos de problemas de formulação: os problemas *prospectivos* e os problemas *retrospectivos*.

2.2.1 Problemas prospectivos

Caracterizam-se como problemas *prospectivos* todos aqueles que são constatados pelo falante antes mesmo de serem verbalizados. O falante explicita a dificuldade de formulação por meio de interrupções do fluxo formulativo (descontinuidades) que, em geral, se manifesta na forma de pausas, alongamentos e elementos paralingüísticos.

Vejamos este exemplo:

(1)

Doc. O que que você mais aprecia na TV Educativa?

Inf. Olha::...⁽¹⁾ eu aprecio tudo viu porque eles...⁽²⁾ trazem desde música...
trazem eh eh::⁽³⁾ línguas ah⁽⁴⁾ matemática e trazem::...⁽⁵⁾ uhn::...⁽⁶⁾ como é
que eu vou dizer...⁽⁷⁾ ah e assim eh ehn::...⁽⁸⁾ reportagens...(..)

(Hilgert, 1997, p.23, linhas 82-86)⁸

Conforme mostra o segmento (1), o texto falado apresenta diversas marcas que identificam descontinuidades, traduzindo *hesitações* do falante na evolução formulativa. Essas hesitações explicitam-se de diferentes maneiras: em ⁽¹⁾, por meio de um alongamento vocálico seguido de pausa; em ⁽²⁾, somente por uma pausa; em ⁽³⁾, ocorre a repetição de um elemento paralingüístico seguido de alongamento; em ⁽⁴⁾, a hesitação é marcada por outro elemento paralingüístico; em ⁽⁵⁾, pelo alongamento da semivogal nasal seguido de pausa; em ⁽⁶⁾, pelo elemento paralingüístico alongado seguido de pausa; em ⁽⁷⁾, por meio de uma expressão metalingüística manifestando busca de termo seguida de pausa; e em ⁽⁸⁾, novamente por elemento paralingüístico seguido de alongamento e pausa.

Como vemos, as descontinuidades apontadas revelam hesitações que, geralmente, se caracterizam assim: o falante se depara com um problema e, antes de explicitá-lo, interrompe o fluxo da formulação. Essa interrupção desencadeia manifestações como as acima exemplificadas, visando, quase sempre, ao preenchimento de pausas mais longas, as quais, se fossem feitas, levariam o falante a correr o risco de perder o turno.

2.2.2 Problemas retrospectivos

Os problemas *retrospectivos* igualmente são marcados por descontinuidades no texto. No entanto, consistem em enunciados já verbalizados que, na avaliação ou impressão do falante ou até mesmo do ouvinte, geram problema de alguma ordem na evolução da interação. Ao contrário do que ocorre com os problemas prospectivos, um retrospectivo só é percebido quando ele já está parcial ou totalmente inserido no texto em

⁸ Como a maioria dos segmentos conversacionais analisados neste capítulo são extraídos de Hilgert (1997), na referência aos próximos, somente serão assinaladas a página e as linhas em que se encontram. Quando a fonte do exemplo for outra, será ela identificada com todos os dados.

construção, isto é, só depois que ele já foi lingüisticamente elaborado. Cabe, então, ao falante ou ao ouvinte retomar o enunciado “fonte de problema” e trabalhá-lo, isto é, submetê-lo a um “tratamento” (cf. HILGERT, 2001), com vista aos propósitos da comunicação em andamento.

Tomemos o segmento abaixo, em que se verificam problemas retrospectivos:

(2)

Inf. [...] em:: alguns países tem se estabelecido com esse tipo de pessoal uma:: espécie assim do que se chama:: mercado de de trocas de trabalho⁽¹⁾ assim o pessoal fica parado numa praça... e os melhores são recrutados imediatamente pelas firmas⁽²⁾ estabelece-se assim um mercado de trabalho...

(p.67, linhas 611-617)

No segmento (2), o falante produz, inicialmente, um enunciado (“uma:: espécie assim do que se chama:: mercado de de trocas de trabalho”) que, em termos de informação, está completo. O falante, no entanto, parece não ter certeza de que o ouvinte o entendeu, o que o leva a formular uma explicação mais detalhada. Para isso, interrompe o fluxo formulativo e retoma o enunciado ⁽¹⁾, por meio da paráfrase exemplificadora ⁽²⁾, a fim de que seu propósito comunicativo seja garantido. Supondo ter garantido a compreensão a seu interlocutor, continua, então, a formulação.

Essa breve análise nos permite dizer que os problemas retrospectivos situam-se num enunciado de origem (EO) – representado, no segmento acima, pelo enunciado ⁽¹⁾ – ao qual segue um enunciado reformulador (ER), representado por ⁽²⁾. Além disso, é comum enunciados reformuladores serem introduzidos por um termo ou uma expressão, cuja função é servir de marcador de reformulação (MR). Essa função, no segmento analisado, é exercida pelo termo “assim”.

A retomada de um segmento já formulado, portanto, revela: (a) uma *descontinuidade no fluxo formulativo*, uma vez que o interrompe; (b) um *problema de formulação*, pois a interrupção só se dá porque o falante entende necessária uma qualificação de seu discurso; (c) um *problema retrospectivo*, uma vez que sua constatação só ocorre depois de já estar instalado no texto em construção. Problemas desse tipo dão origem às *atividades de reformulação*.

2.3 Atividades de reformulação

O fato de o falante retomar, no desdobramento da fala, um enunciado com a intenção de reformulá-lo ou até mesmo repeti-lo, constitui uma *atividade de reformulação*. Essa atividade, como já dissemos, tem escopo retrospectivo, uma vez que oferece um tratamento lingüístico-discursivo a um segmento já verbalizado no texto.

As razões que levam a essas reformulações são as mais diversas—para não dizer únicas— para cada atividade de reformulação, se considerado que toda situação de fala constitui um cenário enunciativo novo para a emergência de sentidos ainda não produzidos. Podemos, no entanto, dizer, ao menos a essa altura das reflexões, que todos os procedimentos de reformulação concorrem para a progressividade textual, convergem para a garantia da intercompreensão e, em decorrência, visam a levar a bom termo o evento comunicativo.

Os procedimentos de reformulação apresentam, em princípio, uma estrutura tricotômica⁹: um *enunciado-origem* (EO); um *marcador de reformulação* (MR); e um *enunciado-reformulador* (ER), conforme mostra o segmento (3):

(3)

Inf. aliás... foi uma coisa muito interessante... comovente até... nós fomos convidados por um ... pelo padre para assistirmos à missa...

(EO) nós...

(MR) eu digo

(ER) a equipe...

era uma equipe da Secretaria de Saúde que ministrava curso de Educação Sanitária em São Francisco em:: Bom Jesus...

(p.215, linhas 744-750)

Nesse segmento, revela-se uma atividade de reformulação com todos os seus constituintes bem explícitos. Inicialmente, o falante, no decorrer da construção do enunciado, tinha feito opção pelo termo “nós” (EO). Todavia, como percebeu imediatamente a inadequação da referência em questão, corrigiu-a por “a equipe” (ER). A expressão “eu digo” é o marcador de reformulação (MR) – no caso, um recorrente

⁹ Com exceção das repetições, que, como veremos adiante, vêm caracterizadas pela estrutura dicotômica.

marcador de correção -servindo como índice de que haverá uma reformulação na seqüência do texto.

A estrutura de uma atividade de reformulação, no entanto, nem sempre apresenta um marcador de reformulação verbalmente explícito. Há casos em que ele se manifesta por meio de alterações entonacionais e rítmicas da fala, por paralelismos sintáticos, por pausas e outros recursos paralingüísticos.

Vejamos este exemplo:

(4)

Inf. [...] e não é tão natural o papel a gente sente inclusive
(EO) a gente não conse¹/
(ER) EU não consigo vibrar não sei²...

(p. 35, linhas 456-457)

Observamos que o enunciado reformulador não vem anunciado por um marcador verbal, mas sim pela abrupta interrupção do verbo no enunciado-origem, seguida de uma alteração entonacional no enunciado reformulador especialmente sinalizada pelas maiúsculas na transcrição de “EU”.

Cabe ainda acrescentar, no que se refere à realização geral das atividades de reformulação, dois aspectos importantes: as reformulações podem ser realizadas pelo próprio autor do enunciado-origem, o que caracteriza uma *auto-reformulação*. Por outro lado, uma reformulação do enunciado do falante pode também ser realizada pelo ouvinte, o que constitui uma *heterorreformulação*. Além disso, podemos também fazer uma distinção entre reformulações *autodesencadeadas*, que são aquelas desencadeadas pelo próprio autor da reformulação e as *heterodesencadeadas*, que são aquelas desencadeadas por um dos interlocutores da interação, mas realizadas por outro. No processo de construção do texto, as atividades de reformulação mais recorrentes são: a repetição, a paráfrase e a correção.

2.3.1 A repetição

A repetição é uma das estratégias de reformulação mais empregadas na construção do texto falado. Para que essa afirmação não caracterize um paradoxo, cabe de imediato

registrar que tratamos aqui de repetição meramente do ponto de vista formal. Do ponto de vista do sentido, porém, a repetição necessariamente concorre com o movimento progressivo do texto, razão pela qual ela também é uma atividade reformuladora. Portanto, a repetição se caracteriza por ter identidade formal com o enunciado anterior, mas essa equivalência formal não significa equivalência de sentido. A esse propósito afirma Marcuschi (2002, p. 106): “Há uma grande diferença entre repetir elementos lingüísticos e repetir o mesmo conteúdo, portanto repetir as mesmas palavras num evento comunicativo não equivale a dizer a mesma coisa.”

De acordo com Marcuschi, as repetições se manifestam de muitas maneiras e são multifuncionais. No que respeita às formas de manifestação das repetições, elas podem se apresentar nos diversos níveis da análise lingüística. Há repetições fonológicas, de morfemas, de itens lexicais e de construções sintáticas de dimensão e complexidade variada.

A estrutura geral dos procedimentos de repetição é, em geral, dicotômica, constituída de *matriz*¹⁰ (M) e *repetição* (R). O segmento (5) ilustra exatamente esse caráter da repetição:

(5)

Inf. olhe eu acho muito boa a TV Educativa apesar que MUIta gente não assiste... eu não sei o horário mas... devia ser um horário mais tarde...domin/domingo de manhã por exemplo às
 (M) nove dez ho/dez horas da manhã
 (R) nove dez horas quase ninguém liga a televisão nesse horário
 (Hilgert, 1997, p.23)

Notemos que a repetição concorre para a progressão textual. A retomada envolve sentidos que estabelecem a continuidade tópica, por meio da reprodução de termos.

Quanto à produção, as repetições podem ser classificadas em *auto-repetições*, quando a iniciativa de repetir é do próprio falante; ou em *heterorrepetições*, quando a repetição é realizada pelo interlocutor. Também podem se observar repetições

¹⁰ Daqui para frente, chamaremos o enunciado-origem (EO) de matriz (M) da estrutura de reformulação, e os enunciados reformuladores (ER) serão identificados de acordo com a natureza da reformulação, a saber: repetição (R), paráfrase (P) e correção (C).

autodesencadeadas ou *heterodesencadeadas*. Quanto à distribuição, as repetições podem ser *adjacentes*, quando a repetição segue imediatamente a matriz; ou *não-adjacentes*, quando entre a matriz e a repetição houver um segmento conversacional. A repetição ainda pode ser *integral*, quando a matriz é exatamente reproduzida ou ocorrer repetição *com variação*.

Do ponto de vista das funções, de acordo com Marcuschi (2002) as repetições agem tanto no plano da composição do texto, em sua materialização e seqüenciação das cadeias lingüísticas (relações co-textuais), quanto no plano discursivo, relacionado aos aspectos interacionais, cognitivos e pragmáticos (relações sócio-contextuais).

A função básica das repetições, no plano da composição textual, é a *coesividade* (seqüenciação, referenciação, correção, expansão, parentetização, enquadramento). É no plano discursivo, no entanto, que a repetição desempenha maior número de funções, colaborando para a *compreensão*, por meio da intensificação e do esclarecimento; para a *continuidade tópica*, garantindo a introdução, a reintrodução, a delimitação e a “amarração” dos tópicos; para *argumentatividade*, sugerindo reafirmação, contraste e contestação; e para a *interatividade*, através da monitoração da tomada de turno e da ratificação do papel de ouvinte.

Em resumo, a repetição constitui-se numa eficiente estratégia de composição do texto falado, particularmente do tópico discursivo, além de concorrer, decisivamente, para o processamento textual-interativo, como facilitador de informatividade e argumentatividade.

2.3.2 A Paráfrase

A *paráfrase* é uma atividade lingüístico-discursiva de reformulação, através da qual um novo enunciado retoma, no curso da fala, um enunciado já verbalizado, promovendo sempre, em algum grau, por menor que seja, um deslocamento semântico. Portanto, por meio da paráfrase (P) estabelece-se com a matriz (M) - enunciado-origem - uma relação de equivalência semântica, isto é, constitui-se entre os dois enunciados um parentesco

semântico que pode se manifestar em um grau maior ou menor, mas nunca haverá equivalência semântica total entre eles, uma vez que essa não ocorre nem mesmo na relação de repetição, como já foi visto.

Observemos o seguinte segmento:

(6)

Inf. E os que não:: os que não têm condições maiores de aptidão
 (M) eles passam a fazer biscates
 (P) ficam assim fazendo ou:: uma sub-empregada de um trabalho fazendo as coisas assim mais leves ou que não tenham assim tanta significação
 (p.67, linhas 530-532)

Em (6), a relação parafrástica estabelecida entre os enunciados (M) e (P) demonstra claramente a preocupação do falante em construir a compreensão do termo “biscates” para o ouvinte. A paráfrase retoma o conteúdo informacional da matriz, na medida em que o explicita, ocorrendo, então, nesse sentido, um deslocamento semântico do primeiro para o segundo termo. Mantém-se, contudo, entre os dois termos, uma relação de equivalência semântica em grau tal que até permite dizer que há entre eles uma relação de *definição*.

As relações parafrásticas podem ser enquadradas em diversas categorias, de acordo com as características que apresentam e as funções que desempenham. Hilgert (1993, p. 115), por exemplo, classifica-as a partir de três aspectos: o *distribucional*, o *operacional* e o *semântico*.

Quanto à *distribuição dos enunciados* na relação parafrástica, a paráfrase pode situar-se imediatamente após a matriz (M) ou manifestar-se mais adiante no texto, depois de uma seqüência intercalada. No primeiro caso, identificam-se *as paráfrases adjacentes* e, no segundo, *as não-adjacentes*. Uma e outras atuam em diferentes planos da estruturação textual, exercendo, por isso, funções distintas.

As paráfrases adjacentes relacionam-se à microestruturação do texto. Geralmente, esse tipo de paráfrase realiza a aproximação lexical no trabalho de busca de um termo mais preciso e adequado ao propósito comunicativo do falante. A aproximação lexical ocorre por meio de deslocamentos semânticos entre a matriz e a paráfrase, o que vem brevemente exemplificado neste segmento de fala:

(7)

Doc. qual é na sua opinião o tipo de dente que causa maiores complicações?...

Inf. geralmente são: os que chamam (M) trituradores são os (P) molares... tanto superior como inferiores

(p. 86, linhas 371-375).

De “trituradores” para “molares” ocorre uma adequação para a linguagem técnica, mais adequada ao contexto, uma vez que o informante é um dentista.¹¹

As paráfrases não adjacentes referem-se à macroestrutura de um tópico conversacional, uma vez que elas, em geral, têm a função de garantir a centração temática. A paráfrase não adjacente faz a demarcação das diferentes etapas do desenvolvimento do tópico, podendo, no caso de paráfrases *resumidoras*, fazer-lhe o fechamento. Nesse sentido, podemos dizer que esse tipo de paráfrase concorre para a coesão tópica e, à medida que interrompe uma progressão indevida do texto, retomando-lhe o tópico, garante-lhe o desdobramento coerente.

Vejamos o segmento abaixo:

(8)

Inf. ah (M) eu fico...POssessa se eu entro começ/eh se eu já entro já começou...inclusive eu sou...a::pelidada pelas minhas colegas de apressadinha de:: (como) é ah::...maNÍaca porque eu tenho que entrar no... pode ser no jornal mas se o filme já começou eu fico em pânico porque (P) eu não gosto de entrar no no escuro assim quando o filme já começou...

(p.44, linhas 760-768)

Ainda que o enunciado-matriz apresente um certo truncamento sintático e mesmo uma incompletude semântica – ocorrências, aliás, muito comuns em interações faladas -, pelo contexto ele é perfeitamente compreensível. Seu parafraseamento, por meio de uma paráfrase não-adjacente, além de propor um enunciado sintaticamente mais fluente e semanticamente concluído, concorre para o fechamento do tópico.

O *caráter operacional* diz respeito a como a paráfrase é instalada no texto. Observando-se a atuação dos interlocutores no ato de parafrasear, destacam-se dois aspectos: (a) a realização da paráfrase em si; e (b) a iniciativa de seu desencadeamento.

¹¹ Exemplos como este são bem característicos do *corpus*, objeto de nossa pesquisa.

Do ponto de vista da *realização* da paráfrase, quando é o falante que a produz em relação a seu próprio enunciado, trata-se de uma *autoparáfrase*; no caso de um enunciado do falante ser parafraseado pelo interlocutor, ocorre uma *heteroparáfrase*.

No que diz respeito ao *desencadeamento*, se a iniciativa do parafraseamento for do próprio autor do enunciado-matriz, caracteriza-se uma *paráfrase auto-iniciada*, e, se ela for provocada pelo ouvinte, mas realizada pelo falante, identifica-se uma *paráfrase heteroiniciada*.

Esses diferentes aspectos da operacionalização parafrástica na construção do texto falado sugerem a seguinte classificação:

- a) autoparáfrases auto-iniciadas (F parafraseia F, por iniciativa de F)¹²;
- b) autoparáfrases heteroiniciadas (F parafraseia F, por iniciativa de O);
- c) heteroparáfrases auto-iniciadas (F é parafraseado por O, por iniciativa de O);
- d) heteroparáfrases heteroiniciadas (F é parafraseado por O, por iniciativa de F).

Descrições de textos em língua portuguesa (cf. Hilgert, 2005, p. 9)¹³ revelam que, em sua construção, predominam, de forma absoluta, as autoparáfrases auto-iniciadas. Elas têm incidência particularmente destacada em turnos longos, com pouco ou nenhum *feedback* por parte do ouvinte. Segundo Hilgert,

A ausência de *feedback*, seja pela ausência de sinais do ouvinte ou de sinalização mímico-gestual, priva o falante da certeza de estar sendo compreendido e de assim ver alcançados seus propósitos comunicativos. Essa insegurança se reflete num texto mais denso de auto-reformulações auto-iniciadas, particularmente de paráfrases (op. cit., p. 9).

No que respeita às funções mais recorrentes dos demais tipos de paráfrases acima identificados, cabe registrar que as autoparáfrases heteroiniciadas costumam assegurar ao ouvinte a compreensão do enunciado-matriz, já que elas são, em geral, desencadeadas

12 F = falante, e O = ouvinte.

13 Tivemos acesso a uma cópia dos originais deste texto –da qual também tiramos a referência da paginação–, que faz parte de uma obra (ainda no prelo da editora da UNICAMP), organizada por Ingedore G. V. Koch e Clélia C. A. S. Jubran, com o título *A construção do texto falado*. Trata-se do volume I de uma série de outros que abordam a Gramática do português falado.

precisamente pelo fato de o ouvinte sinalizar explicitamente que está diante de algum problema de compreensão; as heteroparáfrases auto-iniciadas também asseguram a intercompreensão entre os interlocutores, mas promovem especialmente a solidariedade discursiva entre eles. Segundo Wahmhoff (apud HILGERT, 2005, p. 11), “O interlocutor, cujo enunciado é parafraseado, percebe que sua idéia é acolhida e nisso sentirá, em muitos casos, um convite a precisá-la, diferenciá-la, corrigi-la ou completá-la mais uma vez”. Finalmente, as heteroparáfrases heteroiniciadas costumam ocorrer em contextos em que o falante busca resolver problemas de denominação. Por meio de procedimentos metadiscursivos dá a entender ao ouvinte que não lhe ocorre uma determinada denominação, para a qual somente encontra soluções aproximativas. Este, então, o socorre por meio de uma formulação parafrástica.

No que respeita à *semântica das relações parafrásticas*, cabe, de início, lembrar que a natureza dessa relação é semântica. As parafrases constituem deslocamentos de sentido em relação à matriz, mantendo, porém, sempre com esta uma relação de um certo grau de equivalência semântica. Segundo Hilgert,

Essa relação não é simplesmente dada pela estrutura proposicional entre M e P, nem estabelecida por movimento semântico pré-definido e constante, mas sim, que resulta de uma *predicação de identidade* entre M e P. Mesmo que, lingüisticamente, nenhum parentesco semântico seja reconhecível ente dois enunciados, discursivamente ele pode ser predicado por força de um marcador parafrástico verbal, dentro de um contexto de conhecimentos extra-textuais prévios comuns aos interlocutores (op. cit., p. 12).

Quando, então, a identidade semântica entre parafrase e matriz for reduzida, é provável que ela seja explicitada por meio de marcadores parafrásticos verbais do tipo, “em outras palavras”, “com isso se quer dizer”, “isso significa”. A necessidade de um marcador anunciar a relação parafrástica vai deixando de existir, à medida que aumenta o grau de parentesco semântico entre os dois enunciados, uma vez que, nesses casos, a relação entre ambos pode ser anunciada por alterações entonacionais, paralelismos sintáticos e recursos paralingüísticos.

No deslocamento de sentido da matriz para a parafrase, verificam-se dois movimentos semânticos básicos. O primeiro se caracteriza pela passagem do *geral* para o *específico*. Neste caso, tem a matriz abrangência semântica maior do que a parafrase,

consistindo o parafraseamento num processo de *decomposição semântica*, na medida em que um ou mais traços semânticos da matriz são contemplados na paráfrase, o que leva esta a *especificar* ou *explicitar* o que foi dito na matriz. O segundo movimento vai do *específico* para o *geral*, o que significa dizer que a matriz tem abrangência semântica menor do que a paráfrase. O parafraseamento consiste, então, numa *recomposição semântica*, já que os traços semânticos da matriz são, de certa forma, retomados por um enunciado semanticamente mais amplo, composto por esses e outros traços. Tal procedimento leva a paráfrase a ter um caráter *definidor* ou *resumidor*.

A esses movimentos estão vinculadas características formais dos enunciados parafrásticos. Quando há um movimento de sentido do geral para o específico – que é o caso mais recorrente - verifica-se uma tendência de a paráfrase ser, do ponto de vista sintático-lexical, mais *expandida* que a matriz. O movimento semântico em sentido contrário leva a constituir paráfrases sintático-lexicalmente menos complexas do que a matriz. No primeiro caso, ocorrem *paráfrases expansivas* e, no segundo, *paráfrases redutoras*.

Observemos este segmento:

- (9)
- L1 hoje:: fazer pesquisa é viver de poesia...
 (M) não dá
 Doc. ((riu)) é verdade
 L1 (P) quer dizer...o pessoal não teria nem nem para a subsistência...
 (Castilho e Preti, 1987,p. 167)

No segmento (9), se compararmos com a matriz, a paráfrase mostra-se um enunciado bem mais expandido lexical e sintaticamente, precisamente pelo fato de ter de explicar ou explicitar o sentido de seu enunciado-origem.

Já, no segmento (10),

- L2 (M) que eu acho que também existe um pouquinho do...do relacionamento...da pessoa...da apresentação do indivíduo dentro de determinada organização...isso você não sei se...se você prestar atenção você:...notará às vezes você possui determinadas...qualidades superiores a um competidor seu e você não é aproveitado...
 L1 (P) é são as cartas de recomendação né?

(ibid., p.169)

A paráfrase, no segmento acima, vem formalmente bem mais reduzida do que a matriz, o que corresponde a seu papel de apresentar uma informação mais condensada e de sentido geral.

Nem sempre, porém, há uma assimetria sintático-lexical entre matriz e paráfrase. Muitas vezes ocorre um paralelismo sintático entre os dois enunciados em relação, identificando-se, nestes casos, as *paráfrases paralelas*, nas quais se torna mais sutil a percepção de deslocamento de sentido, mas ele necessariamente ocorre. A paráfrase, nestes casos, tende a promover uma *aproximação lexical*, por meio dos mesmos movimentos semânticos já comentados.

Essas considerações deixam evidente que o parafraseamento é uma das estratégias mais produtivas na construção dos sentidos do texto, e os procedimentos de seleção lexical de que trataremos especificamente nesta pesquisa terão acentuado caráter parafrástico, como veremos.

2.3.3 Correção

Na medida em que as repetições e as paráfrases mantêm com a matriz uma relação de equivalência semântica, elas realizam, segundo Kohler-Chesny (apud HILGERT, 1989, p. 185), uma “duplicação discursiva”, isto é, de alguma forma *endossam* ou *confirmam* o sentido do enunciado-origem. Na correção, acontece o contrário, pois esse enunciado é total ou parcialmente *anulado* pelo enunciado- reformulador.

A correção, segundo Barros (1993, p.139) deve ser compreendida como um procedimento de reelaboração do discurso, com a finalidade de torná-lo mais adequado, segundo determinação do falante ou de ambos os participantes do diálogo. Esse procedimento visa, por meio de formulações adequadas (corretas), a garantir ao ouvinte a compreensão do enunciado do falante a fim de levar a bons termos os propósitos comunicativos deste.

Observemos este exemplo:

(11)

Doc o que tu achas da publicidade em nosso rádio?
 Inf olha eu acho que tanto no rádio como na televisão de vez em quando...tem
 (M)publicidade demais (C) propaganda demais...era era propaganda sim
 e:... ma/MAS como É necessário isso sabe sem a propaganda eles não
 podem funcionar... (Hilgert, 1997,p.25, linhas139-145)

Em (11), o informante considera, por alguma razão, “publicidade” um termo inadequado. Corrige-o, então, por “propaganda”. Com esta precisão vocabular, assegura compreensão para o que diz e, em consequência, estabelece condições para uma comunicação bem sucedida. Em síntese, a correção é uma atividade reformuladora, cujo objetivo é assegurar a intercompreensão no diálogo.

As correções podem ser classificadas quanto à *produção*, quanto ao *conteúdo* e quanto ao *segmento lingüístico corrigido*. Quanto à *produção*, como também já se observou na classificação das paráfrases, a correção acontece por *autocorreção* e por *heterocorreção*. No primeiro caso, o falante que comete o erro também o corrige. No outro, o erro de um interlocutor é corrigido por seu parceiro de interação. Nas conversações em geral, as heterocorreções são menos frequentes. Elas caracterizam particularmente discursos polêmicos, em que, muitas vezes, os laços interativos são tensos. As mais comuns nas interações cotidianas são as autocorreções. Elas vêm, em geral, adjacentes ao erro formulado, com vistas a corrigi-lo imediatamente, a fim de evitar as consequências do erro no desdobramento da interação.

Esses dois procedimentos corretivos podem ainda ser subclassificados do ponto de vista de quem é a iniciativa de os desencadear. Se a iniciativa é do falante que faz a correção têm-se correções auto-iniciadas e, se as correções forem desencadeadas pelo outro interlocutor, têm-se correções heteroiniciadas.

Os segmentos de fala (12) e (13) ilustram, ao menos em parte, esses procedimentos:

(12)

Inf. [...] e de:: de uma orientação como... utilizar... meios pra que se previna
 (M) a cárie...
 (MC) a cárie desculpe ((risos))
 a:: a:: queda do cabelo... calvície... precocemente...

(p. 78, linhas 90-93)

(13)

Doc. poderia dizer quais os (M) sintomas de velhice no rosto?...Inf. (MC) sintomas ou sinais? sintomas? eu acho que é sinais né?Doc. (C) sinais...Inf. sinais... primeiro aparecem as rugas... éh:: as pessoas.. mais ou menos obesas... aparece o famoso Papo que els chamam por baixo do queixo... a pele torna-se mais flácida...

(p.83, linhas265-273)

O primeiro desses segmentos, (12), registra uma autocorreção auto-iniciada e o outro, (13), uma autocorreção heteroiniciada. Esta última é praticamente uma heterocorreção, uma vez que no terceiro turno, o documentador nada mais faz do que referendar uma correção já feita (ainda que em forma de um questionamento) pelo informante, no segundo turno.

Esses dois segmentos também revelam a estrutura-padrão dos procedimentos corretivos: a matriz (M), constituindo o erro inserido na fala; o marcador de correção (MC), anunciando ao ouvinte tanto o erro quanto o propósito ou a necessidade de corrigi-lo; e, finalmente, a correção (C). Muitas vezes, porém, por razões várias, como a dimensão sintático-lexical do enunciado errado ou o próprio ritmo (velocidade) em que a fala acontece, o marcador não vem verbalmente explicitado, conforme revela este segmento:

(14)

Inf. [...] procurando fazer com ela utiliza o... a:: os pés... pra:: .. fazer a::... aquilo que uma pessoa normal faria escovar os dentes... éh:: acender

(M) uma caixa de fósforo

(C) um palito de fósforo... escrever... bater à máquina... qualquer coisa que uma pessoa normal faria

(p. 92, linhas 542-557)

Os exemplos apresentados acima também ilustram a classificação das correções do ponto de vista do *conteúdo*. Considera-se, nesse sentido, por um lado a *correção parcial*, quando o elemento corrigido não é negado, mas ocorre apenas uma ampliação ou restrição. Trata-se de uma correção atenuada, muitas vezes confundida com a paráfrase (há quem fale, nestes casos, de uma correção parafrástica). Por outro lado, tem-se a correção total. Nesses casos a correção nega o que se afirma no segmento corrigido, como mostram os três exemplos acima. A correção total envolve uma relação de falso e verdadeiro e é especialmente freqüente, segundo Barros (1993), em heterocorreções.

E, finalmente, as correções, quanto ao *segmento lingüístico que corrigem*, podem se dar tanto no nível *formal* (fonético-fonológico, morfológico, sintático), envolvendo, nesses casos, quase sempre, problemas de regência e concordância, quanto no nível *pragmático-semântico*. As correções neste último nível devem-se, em geral, a impropriedades de informação e de uso e a imprecisões de sentido capazes de prejudicar a intercompreensão. Os três últimos exemplos enquadram-se nessa categoria.

Os objetivos das correções, de acordo com Barros e Melo (1990) podem ser resumidos nos seguintes:

- a) *garantir a adequação informativa*, uma vez que o falante que corrige tem a intenção de levar o ouvinte a compreender suas informações, para isso é necessária a precisão referencial;
- b) *assegurar a boa compreensão do posicionamento do falante*, ou seja, as funções enunciativas ou pragmáticas da correção garantem a compreensão das opiniões, crenças e sentimentos do locutor e o reconhecimento de seu papel social;
- c) *estimular a cooperação e participação na conversação*, garantindo assim a interação e o estabelecimento de relações em que haja envolvimento emocional, pois é no corrigir que, muitas vezes, o interlocutor encontra um meio de se inserir na conversa.

Em resumo, o ato de corrigir é definido basicamente como um procedimento de reelaboração que conserta as inadequações que eventualmente ocorrem no decorrer do processo de formulação. Sua função essencial é promover a interação através do monitoramento da conversa, controle da fala do parceiro, discussão de posicionamentos distintos acerca de um mesmo tema e, acima de tudo, assegurar a intercompreensão entre os interlocutores.

As atividades de reformulação em geral são caracterizadas, portanto, como procedimentos que de certo modo trabalham enunciados anteriores e asseguram, por meio de uma nova construção, que haja êxito na comunicação em andamento. À medida que tais atividades buscam dar um tratamento lingüístico-discursivo a outros enunciados, explicita-se sua principal finalidade que é a de garantir a compreensão durante a interação.

2.4 Atividades de qualificação

Além das atividades reformuladoras da repetição, da paráfrase e da correção, também têm ocorrência particularmente freqüente, na construção dos textos falados, as atividades qualificadoras ou de qualificação discursiva. Se aquelas tinham caráter *reformulador*, estas se identificam por serem especificamente *metadiscursivas*, pois consistem num dizer sobre o dizer, ou mais precisamente sobre o modo de dizer do que, no desenvolvimento do texto, já foi dito ou está por ser dito¹⁴. Comumente, realizam-se estas últimas atividades por meio de comentários e avaliações que, de alguma forma, qualificam o uso de uma palavra ou expressão no desdobramento da interação.

Vejam os seguintes segmentos, nos quais o comentário e a avaliação são identificados pelo algarismo ⁽¹⁾ sobrescrito, e a fala comentada e avaliada pelo algarismo ⁽²⁾ também sobrescrito.

(15)

Inf. até que nos indicaram o Hotel Chile... hotel que *como diz a minha esposa⁽¹⁾ deve ter sido feito pra receber o Pedro Álvares Cabral⁽²⁾*...((risos da documentadora)) de TÃO velho que é...

(Preti & Urbano, 1988, p. 95-96).

(16)

Inf. isso não quer dizer:: de vez em quando vou a uma missa ou outra... mas não assim como à missa dominiCAL... isso *eu não vou nunca⁽²⁾*... assisto outras missas... o aliás *não vou nunca é força de expressão⁽¹⁾*

(Hilgert, 1997,p.215,linhas 724-726).

No primeiro desses dois segmentos (15), o falante, com a expressão “como diz a minha esposa” faz um comentário a propósito do dizer subsequente. Por meio do comentário, é esse dizer atribuído a outro falante, no caso, a esposa. No outro segmento (16), a afirmação “eu não vou nunca” vem avaliada pela expressão “não vou nunca é força de expressão”. Vemos que, em ambos os casos, a atitude qualificadora do falante revela

¹⁴ Em sentido lato, as atividades reformuladoras também são metadiscursivas, na medida em que incidem sobre outras formulações do enunciado. Sua metadiscursividade, porém, não evoca o “modo de dizer” e sim o que foi dito de um certo modo. As atividades reformuladoras constituem um metadiscurso de conteúdo, enquanto que as atividades de qualificação consistem num metadiscurso de expressão.

que ele toma um certo distanciamento em relação ao processo de construção de seu próprio discurso, como se ele fosse um outro a observar a evolução desse processo. Com esse procedimento, fica evidente que o falante monitora, conscientemente, o processo de construção do texto.

Nem sempre a manifestação metadiscursiva é explicitamente identificada como avaliadora ou como um comentário. Muitas vezes o caráter metadiscursivo se revela em formas estandardizadas do tipo “uma espécie de”, “um certo”, “uma certa”, “assim”, “digamos” e outras. Traduzem da parte do falante uma certa incerteza ou restrição quanto a uma determinada formulação, por esta lhe parecer aleatória, vaga ou indeterminada (cf. HILGERT, 2001, p. 77), conforme atestam estes segmentos:

(17)

Inf. e:: ... antes deve-se fazer a:: fazer a vaca descer o leite... como se diz esse descer o leite é *uma espécie* de preparação... psíquica da vaca ((risos))
(Preti & Urbano, 1988, p. 30).

(18)

Doc. o senhor considera que a:: sua escola era uma escola bem aparelhada *assim* em matéria de departamen::tos... *digamos* de... não só esporTIvos... mas outros bibliote::ca talvez ou outros departamentos *assim*?
(Ibid.,linhas 319-323)

Cabe ainda registrar que as atividades qualificadoras não ocorrem necessariamente isoladas das atividades reformuladoras. Muitas vezes aquelas entram como constituintes destas. Isso quer dizer que, por exemplo, na construção de uma paráfrase ou de uma correção pode o falante recorrer a procedimentos metadiscursivos de função qualificadora.

Finalmente, no que respeita às funções das atividades de qualificação discursiva, elas podem ter caráter geral e específico. A primeira das funções gerais consiste em elas contribuírem para o cumprimento dos propósitos comunicativos dos falantes, na medida em que garantem a intercompreensão de suas falas. Além dessa função, por meio das atividades de qualificação, o falante monitora cognitivamente o processo de construção do texto. Esse monitoramento, dependendo do tipo de relação que há entre os interlocutores e do grau de domínio que ambos têm sobre o tópico abordado na interação, pode provocar outras conseqüências, como as que aponta Hilgert:

Numa conversação, por exemplo, em que L1 domina um discurso especializado sobre um tema, e L2 só tem conhecimentos vagos sobre o assunto, uma avaliação ou um comentário deste último falante a respeito de alguma formulação sua pode prevenir uma crítica, um repúdio por parte do primeiro ou dele até obter uma certa benevolência relativa a formulações imprecisas ou inadequadas. As qualificações discursivas de L1, por sua vez, podem realçar sua especialização, mas, ao mesmo tempo, prevenir o interlocutor de constrangimentos decorrentes da eventual não-compreensão do texto ou de passagens dele(2001,.p79).

Convergindo para essas funções mais gerais, as atividades de qualificação apresentam também funções específicas para cada momento da interação em que o recurso a elas se faz necessário. Podem, por exemplo, identificar determinados segmentos do discurso como pertencentes a uma variedade lingüística diferente daquela em que a interação vem se desenvolvendo; sinalizar certas passagens como sendo discurso alheio; chamar atenção para a maior eficácia de sentido no uso de algumas formulações em relação a outras; alertar o ouvinte das razões de incluir ou excluir certas informações na fala; manifestar, por um lado, incerteza quanto à adequação de palavras ou expressões em determinado contexto e para determinados fins comunicativos, e, por outro lado, afirmar plena certeza quanto à propriedade ou impropriedade de seu uso e outras situações e para outras finalidades.

Para concluir essas considerações sobre a natureza e as características do texto falado, cabe destacar que interação conversacional é essencialmente identificada pela construção cooperativa do texto, pelos interlocutores que se encontram em situação face a face. É essa condição que, ao menos em grande parte, determina as mais variadas estratégias na perseguição de seus objetivos comunicacionais. Dadas as condições de produção do texto falado, todos os procedimentos nesse sentido adotados pelo falante tornam-se explícitos no texto. São essas marcas que especificamente evidenciam ser o texto conversacional um processo, um texto em desenvolvimento. Esse caráter processual se manifesta na realização de todas essas atividades – reformuladoras ou qualificadoras - que focalizamos, dentre as quais, como se verá, situam-se, também, os procedimentos de seleção e definição lexical.

É, na verdade, impossível – e nem é o propósito aqui – apresentar uma relação completa de funções específicas das atividades de qualificação, pois, em tese, elas podem

ser tantas quantos são os motivos que as desencadeiam. As que aqui são apontadas parecem ser as mais recorrentes, segundo o estudo que foi feito.

3 A SELEÇÃO LEXICAL NO TEXTO FALADO

No capítulo anterior, apresentamos as principais estratégias de construção do texto falado. Destacaram-se, nomeadamente, as repetições, as paráfrases, as correções, as avaliações e os comentários como procedimentos recorrentes, por meio dos quais os interlocutores buscam soluções para os “problemas” de naturezas diversas, inerentes ao desenvolvimento da interação face a face e, dessa forma, garantem a progressividade temático-argumentativa do texto em construção.

A solução de problemas — na acepção que se dá a esse termo aqui — através dessas estratégias, visava principalmente a assegurar a intercompreensão. Mas o que efetivamente está em jogo quando, seja na interação falada seja na escrita, o destinador se empenha em garantir a compreensão de seu enunciado a seu destinatário é a *construção de sentido* no texto e do texto, pois construir o texto é construir sentidos. E é só no texto que eles emergem. Portanto, os procedimentos acima referidos são estratégias de construção do sentido, e o processo de solução de problemas corresponde à gradativa superação de etapas na definição de sentidos. É sob essa perspectiva que se quer focalizar teoricamente a questão específica deste trabalho: a *seleção lexical*.

O processo de seleção lexical é, portanto, inerente às estratégias que, no capítulo anterior, foram descritas. Mais adiante, na análise dos dados, ficará mais evidente essa relação, que, geralmente, tem natureza parafrástica e corretiva, revelando, dessa forma, procedimentos de construção de sentido na produção do texto.

3.1 O texto e suas condições de produção

Enfocar a seleção lexical na perspectiva da produção de sentido exige que, inicialmente, seja posto em evidência um aspecto específico que é responsável pela principal distinção entre texto falado e texto escrito: *as condições de produção*.

Para melhor explicitar essa relação, sirvam de exemplo as considerações feitas sobre os dois segmentos de texto que seguem:

(19)

Maio, mês das borboletas noivas flutuando em brancos véus. Sua exclamação talvez tivesse sido um prenúncio do que ia acontecer no final da tarde desse mesmo dia: no meio da chuva abundante encontrou (explosão) a primeira espécie de namorado de sua vida, o coração batendo como se ela tivesse englutido um passarinho esvoaçante e preso.
(Lispector, Clarice. *A Hora da Estrela*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.p.42-3)

O texto escrito chega ao leitor como um produto acabado, cujas idéias são apresentadas linearmente, sugerindo que sua produção se deu de forma fluente, e que as palavras surgiram prontamente ao produtor sem que ele tivesse dificuldades em definir as escolhas e sentidos. Sabemos, contudo, como já foi explicitado no capítulo anterior, que, até chegar a um texto definitivo, o produtor certamente precisou fazer escolhas entre um ou outro termo, reformular idéias, corrigir enunciados, enfim, recorrer a procedimentos vários que, em sua avaliação, resultassem num enunciado coerente.

No texto (19), ao optar, por exemplo, pela metáfora “englutido um passarinho esvoaçante e preso”, a autora conseguiu representar a sensação de euforia sugerida pelo contexto do primeiro encontro entre a personagem e o homem pelo qual se apaixonou. Igualmente a decisão por “a primeira espécie de namorado de sua vida” contribui para o estabelecimento de sentido de não correspondência entre o sentimento de ambos. Certamente, muitas formulações e reformulações foram anteriormente feitas pela autora, possivelmente até registradas em seus rascunhos, até que ela chegasse a uma versão definitiva e satisfatória de seu texto, no que respeita ao sentido pretendido. A esse propósito, Rey-Debove (apud HILGERT, 2003,P.70) faz a seguinte observação:

Os discursos otimais são, quase sempre, não o produto de uma atividade espontânea, mas de uma pesquisa, de um trabalho de codificação. Um texto de

lei, um texto publicitário exigem semanas de trabalho, de supressões, de ajustes, de reestruturação, de reescrituras..

Com certeza não é diferente o processo para a construção de textos literários, como é o caso do segmento acima.

Já no segmento abaixo, caracterizado como um texto falado, encontramos algumas distinções:

(20)

doc. Mas em geral as pessoas às vezes não consideram algumas profissões...
 inf. NÃO ah::o que há::é que::é que::normalmente sempre há um certo::resquício assim uma::uma certa...eu eu diria assim assim uma falta de integração um problema assim de::ah::...como é que eu diria para vocês...como existe discriminação racial discriminação de credo de cor existe uma certa discriminação em termos de profissão também...

(Hilgert, 1997,p.59, linhas 363-369)

Observemos, nesse segmento de texto falado, os procedimentos lingüístico-discursivos do falante até ele chegar à expressão final “discriminação em termos de profissão”. O processo começa desde o início do turno, em que o falante, por uma série de hesitações demonstra estar em busca de uma solução lexical. Apresenta uma primeira opção, quando usa “certo resquício”. Não satisfeito com ela, depois de sucessivas repetições, chega a “uma falta de integração”. Contudo, como essa escolha não contempla o sentido em construção, o falante, metadiscursivamente, explicita sua dificuldade na seleção (“como é que eu diria”) e tenta, por meio de recursos comparativos (“como existe discriminação racial discriminação de credo de cor”), chegar a uma formulação mais adequada, que vai se traduzir em “uma certa discriminação em termos de profissão”. Mas, ao empregar uma expressão indicadora de incerteza (“uma certa”) revela que talvez essa ainda não seja a alternativa mais apropriada.

Essa breve comparação entre um texto escrito e um texto falado mostra que o processo de enunciação de ambos é similar, na medida em que as escolhas vão acontecendo conforme o texto vai sendo produzido. Do ponto de vista do fazer enunciativo, portanto, o texto falado e o texto escrito num certo sentido se identificam, ou seja, o texto vai se construindo a partir das escolhas do sujeito da enunciação, as quais não resultam de uma simples seleção de um conjunto de possibilidades. As escolhas, na

verdade, são definidas por meio de um minucioso e complexo trabalho de construção do sentido, conduzido pelo próprio desdobramento da enunciação.

Mas, se o texto falado e o escrito se identificam do ponto de vista da enunciação, eles se distinguem claramente entre si do ponto de vista do enunciado, do texto, ou seja, do produto da enunciação. O texto falado registra praticamente todas as operações enunciativas que, uma vez projetadas no enunciado, se tornam elementos constitutivos do texto e definidores de sua identidade. No texto escrito, ao contrário, as operações enunciativas vêm em grande parte apagadas, tornando impossível de se refazer o caminho percorrido pelo enunciador na construção do enunciado.

Se ambas as manifestações textuais exigem de seu produtor um procedimento similar em termos de formulação, o que determina, então, a distinção entre os produtos? A resposta está na diferença entre as condições de produção de um e de outro, conforme vimos no capítulo 1 deste estudo.

Em síntese, essa retomada teve dupla finalidade: em primeiro lugar, instalou também neste capítulo a noção de que a distinção entre o texto falado e o escrito deve-se, essencialmente, às condições e ao processo específico de construção de um e outro; e, em segundo lugar, destacou a possibilidade de, no texto falado, recuperar o percurso da enunciação de forma muito mais detalhada, já que os procedimentos nela adotados estão explícitos no enunciado, e isso, particularmente no que diz respeito à seleção lexical, torna mais fácil a constatação dos efeitos de sentido produzidos por meio das escolhas do sujeito da enunciação.

3.2 Interação e construção de sentido

Para se falar em produção de sentido, é preciso partir de uma concepção de linguagem. Para tanto, buscamos fundamentação nas idéias de Bakhtin (2002), mesmo porque as grandes discussões teóricas da Lingüística dos últimos anos centram-se nas idéias desse autor.

Bakhtin (2002) elabora uma concepção de linguagem a partir da sua já clássica crítica a duas orientações do pensamento filosófico-lingüístico: o *objetivismo abstrato* e o *subjativismo individualista*. Segundo ele, a primeira orientação concebe a língua como “sistema lingüístico, a saber, o sistema das formas fonéticas, gramaticais e lexicais da língua” (Ibid., p. 77). Já a segunda define-a “como a expressão da consciência do indivíduo, de seus desejos, suas intenções, seus impulsos criadores, seus gostos, etc.” (Ibid.,p. 110-111), entendendo-se por expressão “tudo aquilo que, tendo se formado e determinado de alguma maneira no psiquismo do indivíduo, exterioriza-se objetivamente para outrem com a ajuda de algum código de signos exteriores” (Ibid. p. 111).

À primeira orientação o autor contrapõe que o falante se utiliza da língua para satisfazer suas necessidades enunciativas e estabelecer contato com alguém. Quando se utiliza do sistema lingüístico, sua consciência subjetiva não o faz, concebendo a língua simplesmente como um sistema de formas normativas. “Tal sistema é mera abstração, produzida com dificuldade por procedimentos cognitivos bem determinados”(Ibid.,p.92). Ao contrário de ser fixo e determinado pela consciência do falante, o sistema lingüístico provém de uma reflexão sobre a língua. A relação que o falante estabelece com a língua não se resume à adequação que determinada forma lingüística deve apresentar quanto à norma, mas se fundamenta na nova significação que ela adquire nos mais variados contextos. Nesse sentido, de acordo com o autor, para o falante, “a forma lingüística não tem importância enquanto sinal sempre estável e sempre igual a si mesmo” (Ibid.,p.93). O que lhe interessa é a adequação dessa forma ao contexto da enunciação.

Nem mesmo na interação entre indivíduos que compartilham de conhecimentos normativos da língua, a forma lingüística se reduz a um signo sempre estável. No processo de descodificação, necessário para que o receptor reconheça o significado das formas lingüísticas, o que ocorre não é simplesmente a identificação da forma utilizada, mas a sua compreensão num determinado contexto, em situação enunciativa concreta.

Bakhtin, em relação a esse processo de descodificação, distingue signo de sinal: “O signo pode ser descodificado, enquanto o sinal, por ser uma entidade de conteúdo imutável, é apenas identificado” (Ibid., p.93). O processo de compreensão, então, não pode ser confundido com o processo de identificação. Tratar uma forma lingüística apenas como um sinal, é ignorar o valor lingüístico que essa forma apresenta, uma vez que o sinal não tem

competência para refletir nem refratar algo. Qualquer forma lingüística é, antes de tudo, um signo, portanto não pode ser compreendida como sinal, uma vez que seu sentido será determinado pela orientação fornecida pelo contexto.

Sob esse enfoque, o que torna uma forma lingüística um signo é a possibilidade de decodificar seu sentido particular, e esse processo de identificação se concretiza na interação verbal, ou seja, o sentido de uma forma lingüística é determinado pelo contexto em que ela é empregada em uma determinada situação, envolvendo, ao menos, duas pessoas. No caso da interação falada, esse processo interativo corresponde à própria enunciação.

Já a crítica à segunda orientação centra-se no fato de que ela distingue o interior do exterior, admitindo que o conteúdo que se exprime se constitui fora da expressão. Bakhtin(2002) contrapõe-se a esse ponto de vista, afirmando que “não existe atividade mental sem expressão semiótica” e que “não é a atividade mental que organiza a expressão, mas, ao contrário, é a expressão que organiza a atividade mental, que a modela e determina sua orientação”(Ibid., p. 112). E sendo essa expressão a própria realização lingüística em situação concreta de interação, ou seja, social e historicamente determinada, o mundo interior do usuário da língua é também socialmente configurado.

Uma outra crítica a essa segunda orientação explicativa da linguagem refere-se ao fato de ela somente considerar ativo, no ato de fala, o falante, restando ao ouvinte uma postura passiva de decodificador, desconsiderando-se, nessa perspectiva, o papel do ouvinte na constituição do enunciado do falante. Para o autor, “na realidade, toda palavra comporta duas faces. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede de alguém, como pelo fato de que se dirige para alguém. Ela constitui justamente o produto da interação do locutor e do ouvinte” (Ibid., p. 113).

A partir dessas críticas, Bakhtin(2002)elabora o seu conceito de língua:

A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas lingüísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da *interação verbal*, realizada através da *enunciação* ou das enunciações. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua(p. 123).

E esta concepção se complementa quando define o que é enunciação:

A enunciação enquanto tal é um puro produto da interação social, quer se trate de um ato de fala determinado pela situação imediata ou pelo contexto mais amplo que constitui o conjunto das condições de vida de uma determinada comunidade lingüística (Ibid., p. 121).

A enunciação é, portanto, o produto da interação entre dois indivíduos socialmente organizados. Assim, a verdadeira substância da língua não reside em um sistema abstrato de formas lingüísticas, nem na enunciação monologada, mas sim na ocorrência do fenômeno social da *interação verbal*. Nesse aspecto, o diálogo, no sentido estrito desse termo, constitui a principal forma de interação verbal e “o processo da fala, compreendida no sentido amplo como processo de atividade da linguagem é tanto exterior como interior, é ininterrupto, não tem começo nem fim”.(Bakhtin, 2002, p. 125)

Ainda, nas palavras de Bakhtin (Ibid., p.125), a enunciação “é como uma ilha emergindo de um oceano sem limites, o discurso interior. As dimensões e formas dessa ilha são determinadas pela situação de enunciação e por seu *auditório*.” A situação e o auditório obrigam o discurso interior a manifestar-se através de uma expressão exterior definida, que se insere em dado contexto, podendo, conseqüentemente, ser ampliado por meio da relação que o outro— que de enunciatário pode se converter a enunciadore— estabelecer com aquilo que lhe é fornecido naquele enunciado constituído por palavra em co-relação em termos de significação.

Se o sentido de um texto se constrói na interação, quem seria considerado o sujeito da enunciação? A alternância dos sujeitos do discurso revela o processo de co-enunciação, em que enunciadore e enunciatário constituem o sujeito da enunciação, e é a partir dessa interação entre eles que as escolhas vão sendo feitas e o sentido do texto, bem como a forma de enunciação, vão se construindo. “É a situação e os participantes que determinam a forma e o estilo ocasionais da enunciação” (Ibid.,p.114)

Essa relação de mútua construção, segundo Bakhtin (2003,p.271) pressupõe atitude responsiva por parte dos interactantes, já que são eles que constroem, colaborativamente, o enunciado. O ouvinte, após receber e descodificar um enunciado, simultaneamente, estabelece com ele uma ativa posição responsiva, ou seja, concorda ou discorda dele,

completa-o, aplica-o, prepara-se para usá-lo, e outras atitudes que lhe sejam permitidas. Essa posição responsiva do ouvinte se instala desde o início do processo de audição e compreensão, em muitos casos, inicia-se a partir da primeira palavra proferida pelo falante.

O próprio falante, segundo Bakhtin, pressupõe essa compreensão ativamente responsiva, uma vez que seu objetivo não é unicamente transferir seu pensamento ao ouvinte. Ao contrário, ele espera de seu interlocutor uma resposta positiva ou negativa, uma contribuição, uma avaliação. Ele quer muito mais que a simples compreensão de sua fala, espera uma resposta, algo a mais. Assim como ele não é o primeiro falante e seu enunciado remete a outros enunciados anteriores, ele espera que o ouvinte, motivado por seu enunciado, dê continuidade a essa relação.

Conceber o falante, portanto, como único responsável pelo fazer atribuidor de sentido e atribuir ao ouvinte a mera interpretação e aceitação do enunciado caracteriza um equívoco, pois é na atuação interativa de ambos que as escolhas para a construção dos sentidos no texto são negociadas. Nesse sentido contribui Fiorin (2003) ao dizer que “o enunciatário, como filtro e instância pressuposta no ato de enunciar, é também sujeito produtor do discurso, pois o enunciatário, ao produzir um enunciado, leva em conta o enunciatário a quem ele se dirige”(p.163).

Para Bakhtin, é na palavra que se encontra um território comum entre locutor e interlocutor. Ela constitui a forma de expressão a *um* em relação ao *outro*, servindo como ponte que os interliga em busca da interação. Nesse processo, a posse da palavra é intercambiável: ora é do falante, ora do ouvinte—que, nesse momento, assume posição de falante—, e a materialização dessa palavra como signo social só se dará na enunciação e será determinada pelas relações sociais.

Toda palavra, portanto, dirige-se a um enunciatário, e, mesmo que não esteja em contato direto, o enunciatário pode constituir-lo em função de um grupo social ao qual pretende se dirigir. Tendo em vista o destinatário, serão definidas as escolhas do produtor, sempre levando em conta seus propósitos. Isso não quer dizer que o fazer atribuidor de sentidos seja tarefa exclusiva do enunciatário, tampouco que caberia ao enunciatário unicamente interpretá-lo. A produção de sentido é, pois, resultado de um trabalho colaborativo entre os participantes da interação, na medida em que o texto resulta das

sucessivas trocas de conhecimento entre enunciador e enunciatário, e é, em função dessa relação, que pode ser de maior proximidade com ele, como no caso dos textos falados, ou de menor proximidade com o destinatário, em interações mediadas pela escrita, que o produtor de texto faz suas escolhas.

3.3 Compreensão responsiva

Compreender um enunciado, então, é mais que meramente traduzir formas lingüísticas com sentido pré-determinado num quadro normativo. Isso não ocorre nem mesmo quando se trata de interação entre falantes cujo idioma é diferente, pois, mesmo que se busque a compreensão de um enunciado por meio de uma tradução literal, são necessários arranjos que permitam estabelecer o sentido preciso naquela comunicação. A compreensão de um enunciado ocorre, portanto, na e pela interação. É a partir do momento da enunciação, em função de todos os fatores que configuram esse momento como único, que o enunciador, preocupado em assegurar a compreensão de seu enunciado, faz uma série de escolhas por meio das quais ele cria e apresenta ao enunciatário, conforme afirma Antos (apud HILGERT, 2003, p.76) uma “proposta de compreensão”.

Podemos dizer, então, que a compreensão, a exemplo do próprio enunciado, também é co-construída e, portanto, falante e ouvinte são também sujeitos da compreensão e, por estarem em contato, em situação cronologicamente real, também compartilham a tarefa de, quando expostos a problemas, conjuntamente trabalhar para solucioná-los.

Tendo o falante e ouvinte uma posição responsiva perante o enunciado, mais facilmente são constatados os problemas que podem comprometer a compreensão. Em alguns casos, eles nem sequer são metadiscursivamente revelados, pois, o falante está freqüentemente monitorando seu texto e, assim, reconhece, no próprio desdobramento da ação comunicativa, a possibilidade de “turbulências” de interpretação e compreensão. Constatando isso, adota, como ação preventiva, certas estratégias para evitar que esses problemas de compreensão realmente ocorram na interação, conforme Schegloff, Jefferson e Sacks (apud HILGERT, 1989).

Esse procedimento, de ordem preventiva, é um meio que o falante encontra para evitar a instalação de um problema de compreensão no enunciado. Entre essas atividades “profiláticas”¹⁵ destaca-se o trabalho de seleção lexical, caracterizado pela busca de uma formulação adequada, que se pode manifestar, como veremos na análise a seguir, em diferentes formas, particularmente em seqüências de termos que revelam deslocamentos semânticos de múltipla natureza.

Esse processo de seleção lexical não consiste, contudo, em relacionar um conceito, uma idéia, enfim, um conteúdo a um termo, a uma expressão disponível num repertório. Na realidade, esse “trabalho de denominação”, como denomina Blanche-Benveniste, (apud HILGERT, 2003, p.73) está intrinsecamente ligado à relação de cumplicidade entre os interlocutores que, seja por meio da interação falada, seja por uma manifestação escrita, assumem a responsabilidade mútua de construir os sentidos do texto. Como a palavra não tem significado fixo, imutável, é nas interações que se constroem novas possibilidades de sentido e onde se verifica que o trabalho de seleção lexical não é um processo automatizado, mas sim um dos mais complexos procedimentos para garantir a eficácia da comunicação.

3.4 As escolhas lexicais e a questão valorativa

“A aquisição da língua materna—sua composição vocabular e sua estrutura gramatical— não chega ao nosso conhecimento a partir de dicionários e gramáticas, mas de enunciações concretas que nós ouvimos e nós mesmos reproduzimos na comunicação discursiva viva com as pessoas que nos rodeiam”(Bakhtin, 2003,p.282). Aprender a falar, portanto, corresponde a aprender a construir enunciados, uma vez que a fala não se manifesta por orações desvinculadas de um contexto, nem por palavras isoladas.

A cada enunciado, a vontade discursiva do falante é claramente percebida, pois se torna verbalizada através das escolhas tanto do objeto quanto do gênero no qual se construirá o enunciado. Essas escolhas são determinadas em função da situação concreta da comunicação, de seu conteúdo temático, das características de seus participantes, etc. É

¹⁵ Conforme denomina FIEHLER (apud HILGERT 2002, p.9).

a intencionalidade¹⁶ discursiva do falante que determinará a forma de gênero na qual será desenvolvido o enunciado e é em função desse gênero que as formas da língua (lexicais e gramaticais) são selecionadas.

Em função da necessidade de co-relacionar o enunciado a um contexto, podemos dizer que todo enunciado é um elo na cadeia da comunicação discursiva e se caracteriza, de acordo com Bakhtin (Ibid, p.296), através de dois elementos: o conteúdo *semântico-objetal*, a idéia do falante centrada no objeto e no sentido determina a escolha dos meios lingüísticos e dos gêneros de discurso; o segundo elemento, determinante de sua composição e estilo, é o *elemento expressivo*, a relação emocionalmente valorativa do falante com o conteúdo do objeto e do sentido de seu enunciado. Não existe um enunciado desprovido desse elemento. É a relação valorativa do falante com o objeto de seu discurso que determinará as escolhas lexicais, gramaticais e composicionais do enunciado.

A expressão valorativa do falante pode ser manifestar por meio dos próprios recursos oferecidos pela língua— lexicais, morfológicos e sintáticos— os quais são aparentemente neutros quando não inseridos em uma realidade. Uma palavra, distante de qualquer situação real, é apenas uma forma lingüística que, em si mesma, nada valoriza. É no contexto que ela ganha valoração.

Um dos meios de expressar essa valoração do falante em relação com o objeto da fala, no caso específico da oralidade, é através da entonação expressiva, que pode ser vista como um traço constitutivo do enunciado, uma vez que, no sistema da língua, ela deixa de existir. A palavra originalmente é desprovida de entonação expressiva. A partir do momento em que ela é pronunciada com alguma entonação, deixa de ser uma simples palavra, e passa a ser um enunciado. Quando nessa situação, as palavras adotam uma significação indexada a uma determinada realidade concreta, ou seja, em condições reais de comunicação discursiva.

¹⁶ Fiorin (1996, p. 57, nota 13) diz que “Greimas não admite dizer, como fazem muitos autores, que o ato de comunicação repousa sobre uma ‘intenção de comunicar’, pois considera que o termo ‘intenção’ implica uma dimensão consciente que elimina, por exemplo, o sonho do âmbito do discurso. Por isso, ele prefere o termo ‘intencionalidade’ ”.

Através da entonação expressiva o falante estabelece com a palavra uma ativa posição responsiva de simpatia, acordo ou desacordo, estímulo para a ação. Mas essa entonação provém do enunciado e não da palavra. Pensava-se, até então, que cada palavra, teria um tom emocional, “uma entonação expressiva inerente a ela enquanto palavra” (Ibid, p.291) e, quando se escolhessem as palavras para o enunciado, seria como se algo guiasse o falante pelo tom emocional próprio dessa palavra isolada: selecionariam-se, portanto, aquelas que, pelo tom emocional, correspondessem à expressão adequada ao enunciado e se rejeitariam as outras.

Na verdade, quando as palavras são escolhidas, o falante as seleciona em função de um conjunto projetado no enunciado, representando uma prévia do todo da enunciação, e esse conjunto é sempre expressivo e contagia essa palavra com sua expressão. “A emoção, o juízo de valor e a expressão, portanto, são estranhos à palavra da língua, mas surgem no processo de seu emprego vivo em um enunciado concreto” (Ibid, p.292). Por fim, no processo de construção do enunciado, as palavras não são escolhidas partindo-se do sistema da língua na sua forma lexicográfica. Elas são provenientes de outros enunciados que mantêm correspondência na sua especificação de gênero.

A significação neutra da palavra da língua é garantia de identidade e de compreensão mútua dos falantes, mas seu emprego na comunicação discursiva viva é de caráter individual-contextual. A palavra, segundo Bakhtin (Ibid,p.294) se apresenta para o falante em três aspectos: 1) como palavra da língua neutra e não vinculada a alguém; 2) como palavra do outro, constituída a partir de ecos de enunciados anteriores; 3) como posse do falante, com intenção discursiva determinada e já compenetrada de expressão. Na realidade, toda palavra comporta duas faces: ela é determinada pelo fato de proceder de alguém, mas também se dirige a alguém.

Se é somente quando inserida num contexto que a palavra ganha expressão, é também nessa situação que o sentido lhe é conferido. A cada nova utilização, portanto, renova-se o sentido da palavra. A significação, segundo Bakhtin (2002, p. 132), pertence a uma palavra enquanto traço de união entre os interlocutores, isto é, ela só se realiza no processo de compreensão ativa e responsiva. Ela não está na alma nem do falante nem do interlocutor, mas na interação.

Também a Etnometodologia considera o valor trans-situacional das palavras. Coulon (1995) afirma, através do princípio da *indicialidade*, que uma palavra, além de ter uma significação trans-situacional, igualmente teria um novo significado a cada situação particular de uso, ou seja, todas as determinações que se ligam a uma palavra em um determinado contexto nem sempre a acompanharão nas demais situações de uso.

Isso revela a incompletude natural das palavras, que determina que o sentido só se concretize no contexto da produção, isto é, quando forem indexadas a uma situação de intercâmbio lingüístico. Mesmo com essa indexação, a integralidade dos sentidos nunca será esgotada, já que, apesar da significação que uma palavra recebe em um determinado contexto, do ponto de vista semântico, ela permanecerá aberta e sem limites definidos.

Isso significa dizer que o falante, a cada situação de uso de uma palavra é impelido a avaliar-lhe o sentido e redefini-lo, quando necessário. E essa tarefa, ao contrário de representar um problema para os falantes, revela as possibilidades, cada vez maiores, de se acrescentar sentido a um termo ou expressão.

Tendo esse propósito em mente, os interlocutores tentam reduzir ao máximo a vaguidade dos termos, a fim de garantir a intercompreensão. Chegamos, como veremos a recorrer a procedimentos metalingüísticos que explicitam essa preocupação e revelam os problemas de compreensão que vão surgindo no desdobramento da interação.

Nessa perspectiva, a escolha do enunciador não precisa se apresentar necessariamente definida, numa formulação pronta e acabada, mas pode manter-se aberta em relação ao seu sentido, cabendo ao interlocutor completar a construção desse sentido. Assim vista, a seleção lexical passa a revelar o caráter interativo da construção da compreensão, ou seja, da instalação do sentido no texto.

A seleção lexical, ou o “trabalho de denominação”, no dizer de Blanche-Benveniste, tem, portanto, a mesma natureza de qualquer outro procedimento típico da interação falada. Ela ocorre *ad hoc*, no momento da enunciação, situada num contexto histórico-social determinado, com finalidade de construir os sentidos *no* texto, o que resultará na construção do sentido *do* texto.

4 O ESTUDO DOS TEXTOS

Antes de nos voltarmos à análise e à interpretação propriamente dita dos procedimentos de seleção lexical na construção dos textos falados, apresentaremos o *corpus* de nosso trabalho e os passos que seguimos para analisá-lo.

4.1 O *Corpus* e a metodologia de trabalho

Como já informamos na introdução, o *corpus* dessa pesquisa é constituído por textos falados transcritos do Projeto NURC. Os dados do Projeto NURC foram coletados em cinco cidades brasileiras (São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre, Recife e Salvador), para serem objeto de descrição para o estabelecimento da norma objetiva do português falado culto do Brasil.

Para ser informante do projeto, o falante teria de satisfazer às seguintes exigências: ser brasileiro; ter formação universitária completa; ser filho de luso-falantes; ter nascido na cidade do registro da gravação da fala; e, finalmente, ser morador desta cidade no mínimo há cinco anos. Reuniram-se os informantes em três grupos, segundo diferentes faixas etárias: de 25 a 35 anos; de 36 a 55 anos e de 56 anos ou mais).

Cada um desses grupos forneceu dados(falas) de três tipos: *elocuições formais* — EF— (aulas, palestras, conferências ou manifestações similares); *diálogos entre*

informante e documentador —DID— (o documentador entrevista o informante sobre os mais diversos temas); e *diálogos entre dois informantes* —D2— (dois informantes conversam entre si, sobre diversos temas, na presença do documentador, que conduz ou, eventualmente, estimula a interação.)

Em nossa pesquisa, analisamos apenas falas do tipo DID, colhidas no arquivo sonoro do Projeto NURC/POA, cuja transcrição¹⁷ foi publicada em coletânea organizada por Hilgert (1997). Essa coletânea é composta de oito inquéritos —numerados de acordo com critérios estabelecidos pelos documentadores— com as seguintes características do ponto de vista da duração das entrevistas, do sexo, da idade e da profissão dos informantes:

DID 121- 45 minutos; mulher, 27 anos, psicóloga.

DID 08- 40 minutos; homem, entre 25 e 35 anos, advogado.

DID 09- 35 minutos; homem, entre 25 e 35 anos, dentista.

DID 45- 35 minutos; mulher, entre 36 e 45 anos, professora.

DID 48- 35 minutos; homem, 53 anos, médico.

DID 341- 40 minutos; mulher, 60 anos, advogada e professora.

DID 344- 40 minutos; mulher, 68 anos, bibliotecária-chefe.

DID 06- 50 minutos; homem, 56 anos, médico.

Procedendo à análise e interpretação de dados, familiarizamo-nos, inicialmente, com os inquéritos. Simultaneamente, já fomos destacando as passagens em que, de alguma forma, se revelava o trabalho de seleção lexical.

De imediato, chamou-nos a atenção a quantidade de ocorrências em que a busca lexical se manifestava por meio de pausas mais longas, pausas preenchidas por repetições, por alongamentos vocálicos, manifestações metadiscursivas sinalizadoras de seleção lexical. Em menor número, embora freqüentes, eram as ocorrências em que a busca lexical se realizava por meio de desdobramentos lexicais num determinado ponto da construção de um enunciado.

¹⁷ As normas seguidas para sua transcrição encontram-se no anexo E.

Em relação ao primeiro caso, destacamos no *corpus* passagens, que fomos reunindo em categorias, seguindo o critério da gradativa explicitude e complexidade verbal das manifestações de busca lexical. Assim, definimos a seguinte seqüência: segmentos plenamente fluentes, isto é, sem aparente quebra de continuidade para um trabalho pontual de busca lexical; segmentos com sinalização de busca lexical por meio de hesitações em geral; segmentos com marcação metadiscursiva do trabalho de seleção lexical; segmentos com marcadores de incerteza quanto à definição do termo selecionado. Como nosso trabalho não tinha finalidades quantitativas e estatísticas, não submetemos à análise todas as ocorrências do *corpus*, mas aquelas que identificassem cada categoria de forma mais evidente.

Quanto à seleção lexical, que já envolvia desdobramentos lexicais, reunimos as ocorrências na seguinte ordem: segmentos com interrupção de palavras em pleno curso de sua formulação e desdobramentos lexicais plenos num eixo paradigmático de um enunciado em construção.

Como tínhamos um objetivo específico de descrever a construção do sentido no texto, por meio da análise dos movimentos semânticos entre os desdobramentos lexicais pleno, tentamos transcrever, do *corpus*, todas as passagens que contivessem esse tipo de desdobramento. Sempre tomamos o cuidado para que as passagens transcritas fornecessem ao leitor um contexto mínimo para que ele pudesse perceber a natureza do movimento de busca lexical. É possível que, nessa tentativa de transcrição exhaustiva, nos tenham escapado alguns casos, fato que, a nosso ver, não é relevante, já que nosso objetivo não é apresentar resultados quantitativos e, sim, descrever os fenômenos, do ponto de vista de sua natureza semântica. Para a análise a seguir, trouxemos para o corpo do texto alguns desses exemplos. Outros incluímos em anexos, organizados segundo a natureza comum dos dados.

4.2 Análise e interpretação dos dados

A construção do sentido do enunciado, como vimos em Bakhtin, é um trabalho de colaboração mútua entre enunciador e enunciatário, e é essa cumplicidade que determina

as escolhas do falante. Portanto, é em função de seu ouvinte e do contexto enunciativo que o falante vai definindo o caminho a ser percorrido para a construção do enunciado, de modo que seja garantida, da melhor maneira possível, a intercompreensão. Nesse sentido, o trabalho de denominação não pode ser concebido como uma mera atividade de etiquetagem de termos em um enunciado.

O falante, na formulação do enunciado, empenha-se em encontrar alternativas lexicais que contemplem, com a maior precisão possível, aquilo que pretende dizer a seu interlocutor e, para isso, recorre às mais variadas estratégias. Ocorre, porém, que nem sempre a formulação se desdobra de maneira fluente. Não raro, o falante sinaliza explicitamente, por procedimentos diversos, que está, aqui e agora, na enunciação, buscando a melhor formulação para precisar o sentido em construção.

É nosso propósito, nesta pesquisa, observar quais são e como se manifestam esses procedimentos sinalizadores do trabalho de denominação. Reunimos esses procedimentos em diferentes categorias, por critérios já explicitados, e voltamos nossa análise especialmente àquela categoria em que o processo de seleção lexical se manifesta por meio de uma sucessão de elementos lexicais, paradigmaticamente relacionados, a ocuparem determinada casa da seqüência sintagmática do enunciado em construção. Queremos particularmente focalizar os movimentos semânticos que se revelam nesse desdobramento lexical, contribuindo, assim, com o desvelamento dos processos de construção dos sentidos no texto e do texto.

Observamos, então, que o trabalho de seleção lexical se manifesta por meio de procedimentos diversos que podem ser identificados e classificados de acordo com o crescente grau de sua explicitação lingüística. Como categoria de referência inicial, pode-se, então, considerar uma fala inteiramente fluente, na qual não se manifeste, aparentemente, nenhuma sinalização do trabalho de busca lexical. A identificação das outras categorias ocorre com base nas seguintes características: o trabalho de busca lexical sinalizado por hesitações; por procedimentos metadiscursivos; por marcadores de incerteza e imprecisão dos termos selecionados; pela interrupção de uma palavra em pleno curso de sua formulação; e, finalmente, pelo desdobramento lexical num determinado eixo paradigmático.

Apresentaremos, a seguir, os resultados de nossa pesquisa, sempre abonados pela análise de segmentos representativos de cada categoria que definimos.

Categoria 1- Ausência de marcas de sinalização explícita do trabalho de busca lexical

Para darmos maior evidência às sinalizações de busca lexical, começamos com uma primeira categoria em que elas estão aparentemente ausentes. Trata-se das falas percebidas como plenamente fluentes. O falante faz, no máximo, pequenas pausas exigidas pela respiração ou decorrentes do ritmo de sua fala. Aparentemente, porém, elas não sinalizam para um trabalho de reflexão com vistas à formulação do texto, como mostra este segmento de fala:

(21)

Doc. por que você escolhe estas estações?

Inf. bom pra mim é porque elas são as melhores têm mais variedades de música as outras repetem muito têm muita propaganda eu não gosto de muita propaganda no meio...é eu acho por causa...por causa disso mesmo.

(p. 22, linhas 42-47)

(22)

Doc. [...] barateia muito o transporte pluvial né? inclusive trazer até Porto Alegre e descer até o porto de Rio Grande e fazer esse transporte?que sai baratíssimo não só de cereais como por exemplo de minérios enfim material pesado isto eu acho que será uma grande coisa para o país...

(p. 134, linhas 514-520)

Percebemos, nos segmentos (21) e (22), que a formulação do enunciado ocorreu de forma fluente, como se o falante já estivesse com a resposta previamente elaborada. Percebemos que a praticamente ausência de interrupções sugere que o texto não foi elaborado de improviso ou que o falante não teve tanta dificuldade em selecionar os termos para sua formulação. Ao menos não demonstrou essa dificuldade por meio de descontinuidade. Esse tipo de ocorrências, no entanto, não é tão comum em interações sem prévia definição do tema.

Categoria 2- Sinalização de busca lexical por meio de hesitações

É característica do texto falado a presença de descontinuidade no fluxo formulativo, ocasionadas, principalmente, pelas condições aqui e agora de sua produção. Essas descontinuidades vêm seguidamente marcadas no enunciado, por meio da presença de

elementos característicos de hesitação como pausas, manifestações sonoras de natureza paralingüística, alongamentos vocálicos, repetições de formas átonas.

Observemos os exemplos a seguir:

(23)

Doc e o que que você vê na televisão?

Inf ah eu vejo novelas... e o Repórter Nacional... depois eu vejo **também::ah**⁽¹⁾ filmes assim **no no dez...só...até** estou ah de vez em quando assistindo às aulas também de tarde ((risos)) na televisão.

(p.23, linhas 64-68)

(24)

Inf [...] reportagens...**de de** estrangeiro daqui que ilustram...eu não tenho preferência assim porque eu GOSTo mais entende eu acho tudo sempre novidade acho muito bacana isso

(p.24, linhas 86-90)

(25)

Inf. [...] conforme pode-se observar...raspam...depois pintam com...**acho com::lápiz ou::...ou ou** material adequado para isso mesmo...

(p. 81, linhas 190-193)

No segmento (23), (24) e (25), percebemos que a fala já não é mais tão fluente quanto no exemplo anterior. Há, claramente, presença de pausas, todavia, são mais longas e, em geral, se associam a alongamentos vocálicos (como em “também::”, “com::”, “ou::”), a formas paralingüísticas (como “ah”) e repetições de monossílabos átonos como “no no” em (23) e “de de” em (24) e “com...acho com::”, “ou::...ou ou” em (25).

Muitas vezes, esses alongamentos e repetições não têm outra função a não ser a de preencher pausas mais longas, necessárias para o processamento verbal. Esses procedimentos de preenchimento de pausas também se destinam a evitar uma interrupção demasiadamente longa do fluxo da fala, tornando-se assim um recurso do falante para impedir que o ouvinte lhe tome o turno.

Categoria 3- Marcação metadiscursiva do trabalho de seleção lexical

Nessa categoria, o trabalho de seleção lexical já se explicita por meio de estruturas sintagmáticas mais complexas, com frequência construídas em torno de um *verbo dicendi* e, por isso, de natureza metadiscursiva.

Observemos o segmento:

(26)

Doc.o que você mais aprecia na TV educativa?

Inf. olha eu::...eu aprecio tudo viu porque eles...trazem desde música...trazem eh eh::línguas (ah) matemática e trazem⁽¹⁾::...uhn::...**como é que eu vou dizer**...ah e assim eh ehn::...reportagens...(...)

(p.23, linhas 81-86)

(27)

Inf. [...] eu apreciei mais a... personalidade que ele está fazendo por causa disso...eu...ah::indi/ah **como é que eu vou dizer** eu... identifiquei ele com pacientes ou com pessoas com com as quais eu trabalhei...e por isso que eu acho que ele está fazendo um papel excepcional.

(p.34, linhas 441-446)

Em (26) e (27), com a expressão “como é que eu vou dizer”, o falante deixa bem explícito o trabalho de busca de um elemento lexical para aquele ponto do desdobramento sintagmático. No primeiro segmento, esse trabalho resulta no termo “reportagens” e, no segundo, na forma verbal “identifiquei”. A natureza metadiscursiva desse recurso está centrada no verbo *dicendi*, já que, por meio dele, explicita-se um dizer sobre o dizer, ou, mais precisamente, um dizer sobre a dificuldade de dizer. Esse procedimento metadiscursivo não se manifesta de forma isolada. Ele vem, em quase que todas as ocorrências, associados aos sinalizadores do processamento verbal que já apontamos anteriormente. Como é o caso de pausas, alongamentos vocálicos e formas paralingüísticas.

Ainda, nessa mesma categoria, identificamos casos em que a manifestação de busca lexical é constituída a partir de uma estrutura em que o verbo *dicendi* fica implícito, conforme mostra este segmento:

(28)

Inf. [...] eu sai de lá impressionada (eu disse) poxa (me con/) que troço genial (isso)...((risos)) filmar agora sair na mesma hora e por pra passar por esse aparelho e tem essa câmara e aquela câmara ali então... aquele microfone depende desse som dessa pessoa aquele já é da outra sai pro outro...ah:: **como é**...amplificador parece que eles chamam sei lá não sei...

(p.38, linhas 571-577)

Fica evidente que, na seqüência “como é”, está subentendido o verbo “dizer” (*como é que se diz...*). Esse exemplo também mostra que, nem sempre, o falante, no trabalho metadiscursivo de busca lexical, chega ao termo que o satisfaz. No caso, depois de

verbalizar “amplificador”, a incerteza quanto à adequação do termo fica explícita nas palavras subseqüentes “parece que eles chamam” e “sei lá não sei”.

Nessas situações de fala, em que o falante, por longo tempo, fica metadiscursivamente sinalizando a dificuldade em encontrar uma formulação adequada ou quando anuncia que não está satisfeito com determinada forma, é comum ocorrer uma ajuda do ouvinte, que, com base na sua compreensão da evolução da fala, sugere, a seu interlocutor, uma alternativa, que pode por esse ser aceita ou não. Faremos referência a essa possibilidade mais adiante, quando tratarmos das diferentes formas de realização do desdobramento lexical.

Categoria 4- Sinalização de incerteza quanto à adequação do termo selecionado

Outra forma de manifestação do trabalho de seleção lexical é aquela em que o falante, explicitamente, por recursos verbais, mostra que não tem certeza quanto à adequação, à precisão semântica do termo que está por usar. Esse procedimento é identificado por palavras ou expressões do tipo “digamos”, “do tipo”, “assim”, “uma certa”, “vamos dizer assim” e outras.

Inicialmente, ficamos em dúvida se ocorrências desse tipo não seriam variações da categoria anterior, pois elas também se caracterizam pela metadiscursividade, já que vêm, muitas vezes, introduzidas por verbos *dicendi*, como é o caso de *digamos e vamos dizer assim*. Outras vezes, o verbo *dicendi* parece estar implícito. Decidimos, no entanto, constituir uma nova categoria com essas ocorrências porque nelas o falante dispõe de um termo para aquele ponto de seu enunciado, mas manifesta certa incerteza quanto a sua precisão ou adequação no contexto da enunciação em curso. Já, na categoria anterior, o procedimento metadiscursivo aponta para a busca de um termo que, naquele momento da enunciação, o falante ainda não dispõe para formular.

Observemos, então, os seguintes segmentos dessa nova categoria:

(29)

Inf. então eh desde o momento em que eu tirei o curso de Direito sempre me despertou...assim::ah::**uma certa curiosiDAde...**

(p. 52, linhas 101-104)

(30)

Inf. [...]há também o campo de empresa privada na parte de::consultoria...há::magistratura...promotoria...enfim existe pode haver **uma certa competição profissional** pelo número eleVAdo de pessoas e pela a a::profusão de facultades

(p. 51, linhas 71-77)

Nos segmentos (29) e (30), verificamos que o falante demonstra certa restrição quanto ao uso de “curiosidade” e “competição profissional”, não apresentando, porém, na seqüência, outros termos que lhe pareçam melhores, nem dando explicações sobre a vaguidade semântica das escolhas feitas. Tem-se a impressão de que o falante propõe ao ouvinte termos aproximados do que quer dizer, mas deixa ao fazer compreensivo e interpretativo deste a definição de seus sentidos, dentro do contexto comunicacional em que eles ocorrem.

Cabe aqui destacar dois aspectos relevantes na constituição dos sentidos do texto. Em primeiro lugar, fica explícito, no fato de o ouvinte ser chamado a participar na definição do sentido dos termos o processo de co-enunciação do discurso. E, em segundo lugar, mostra-se que a eficiência da comunicação não fica necessariamente comprometida com o uso de termos semanticamente vagos. Nesse sentido, Bühler (apud HILGERT, 2003,p.77) fala em “omissão constitutiva”: “falar bem é ser econômico e deixar muito a responsabilidade do ouvinte, especialmente uma ampla liberdade em seu pensar co-constutivo”. No que respeita à vaguidade semântica das palavras usadas nas interações cotidianas, Hilgert (2003,p.76) também cita Brinker e Sager: “pois precisamente nessa ‘fértil’ imprecisão é que se tornam visíveis a riqueza e as possibilidades quase que ilimitadas de uma linguagem usada para o diálogo”.

É evidente que os interlocutores, em sua interação, estão sempre e conscientemente empenhados em reduzir ou desfazer essa imprecisão em favor da mútua compreensão e dos objetivos da comunicação. Com essa finalidade, o falante, em geral, faz seguir, depois da introdução do termo considerado vago ou impreciso, um ou mais termos especificadores ou até uma breve explicação nesse sentido.

Vejamos estes exemplos:

(31)

Inf. olha...a psiquiatria é uma que::eu tenho a impressão que traz assim eh::além de:: de uma::... de condições financeiras **assim:: boas de de de uma...**

realização profissional em termos econômicos há também uma realização profissional...

(p.52, linhas 117-121)

(32)

Doc. de que e de que meios uma emissora dispõe pra realizar uma reportagem externa você tem... idéia?

Inf. [...] conforme a reportagem eles levam esses caminhões...e:: senão eles levam essas (pro/) essas maquinazinhas pequenas... com com gravador... e eles filmam se é uma se é m/ maior **vamos dizer assim uma reportagem um acontecimento** então vai o caminhão de externa...

(p.33, linhas 400-409)

(33)

Inf. um certo:: resquício assim uma:: uma certa...eu diria assim assim uma falta de integração um problema assim de:: ah::... como é que eu diria pra vocês... como existe discriminação racial discriminação de credo de cor existe uma certa discriminação em termos de profissão também...

(p.59, linhas 363-369)

No segmento (31), as condições financeiras imprecisamente consideradas boas (“assim:: boas”) passam a ser, na seqüência, definidas com mais precisão como “uma realização profissional em termos econômicos”. No segmento (32), fica evidente a impropriedade do uso de “reportagem”, sendo esse uso, na seqüência, praticamente corrigido por “um acontecimento”.

O segmento (33) é modelar para explicitar o complexo trabalho de busca lexical na interação face a face. Além dos fatos que aqui estamos descrevendo, ele registra praticamente todos os procedimentos que anteriormente já descrevemos e, também, outros que ainda serão analisados adiante. No início, o falante revela sua insegurança quanto ao uso da palavra “resquício”, ao introduzi-la por meio do marcador de incerteza “um certo”. Para resolver este problema, sugere, a seguir, a expressão “uma falta de integração” e inicia uma outra com “um problema”, para a qual não encontra, porém, uma continuidade imediata. A busca dessa formulação se realiza por meio de uma nova sinalização de incerteza (“assim”) passando por elementos paralingüísticos de hesitação (“de”, “ ah”), procedimentos metadiscursivos de busca lexical (“como é que eu diria para vocês”), comparações (“como existe discriminação racial discriminação de credo de cor”) até chegar finalmente à solução que satisfaz o falante (“ existe uma certa discriminação em termos de profissão também”).

Observemos que esta solução final dá perfeita seqüência ao sintagma inicial do segmento de fala (33):“ NÃO ah::o que há::é que::normalmente sempre há [...] existe um

certa discriminação em termos de profissão também...” Todo o resto que se interpõe entre esses dois segmentos, conforme indicam os colchetes, revela o trabalho de busca lexical na formulação do enunciado e na construção de seus sentidos.

Categoria 5 - Interrupção de uma palavra em pleno curso de sua formulação

Essa categoria reúne ocorrências cujas características apresentam algumas distinções, que nos levaram a estabelecer duas subcategorias. Na primeira delas, o falante, depois de definir uma solução lexical, interrompe-a em pleno curso de sua formulação, mas, em seguida, a confirma. Na segunda, depois da interrupção, o falante faz uma outra escolha lexical.

Analisemos estes exemplos da primeira subcategoria:

(34)

Inf. (...) volta e meia também aparece aqui em casa... pra eles fazendo aqueles entrevi::stas pra saber o o o **pro/ programa** que eu escuto a rádio que eu escuto o tipo de programa que eu gosto eles fazem uma enquete assim...então... a partir dessa... enquete fazem os programas...
(p. 24, linhas 111-125)

(35)

Inf. olha...depende né?... há:: por exemplo:: aspectos posso trazer assim depoimento da minha família por exemplo:: os meus avós morreram...ah::com **MAIS** de setenta anos... **normalmen/ah::normalmente** o pessoal assim da idade deles da...contemporâneos esse pessoal que foi contemporâneo a eles...
(p. 71, linhas 766-772)

(36)

Inf. doenças pulmonares...ah:: doenças::ah::...de ah:: **derm/eh derma/dermatologistas**...acho também que a medicina está caminhando rapidamente... para um entrosamento entre o computador...
(p.177, linhas 397-401)

Nas passagens destacadas dos exemplos verificamos, portanto, no início, a suspensão dos termos em formulação e sua imediata retomada para confirmação. Em princípio, podemos admitir que o procedimento de formulação aqui descrito se deve a uma hesitação do falante diante da adequação ou da propriedade da palavra para o enunciado em construção. Se essa for a razão, podemos, então, identificar esse procedimento como sinalizador de busca lexical. Com muita frequência, conforme registram os três exemplos,

esse processo também se realiza associado a marcadores de hesitação que já comentamos anteriormente. Nem sempre, porém, podemos afirmar com certeza que o procedimento aqui focalizado consiste num trabalho de seleção lexical. Eventualmente ele ocorre por outros motivos, como, por exemplo, por problemas de articulação ou outros.

As ocorrências da segunda subcategoria se assemelham às da anterior, uma vez que nelas o falante também interrompe a palavra antes de concluir a sua formulação. Distinguem-se, porém, daquelas pelo fato de ele, depois da interrupção, não confirmar a palavra interrompida, e sim, decidir-se por uma outra. Esta pode tanto apresentar um grau de equivalência semântica com a abandonada, quanto constituir uma correção, verbalmente marcada ou não.

Observemos estes segmentos de fala:

(37)

Inf. [...] os artistas são estranhos eu não (a) conheço mas eu vou assim pela crônica também ou os comentários que eu **ouç/ que eu ouvi...**
(p.43, linhas 733-735)

(38)

Inf. [...] Garganta do Diabo esta pedra de um lado corre também água cai também faz quedas d'água...grandes também e a gente pra chegar nessa pedra...a gente tem que tomar...DOIS barcos o primeiro vai-se da beira...**da parte terri/ vamos dizer...da parte firme** terra até uma ilha...depois se toma uma barquinha um pouco menor para ir DESTa ilha até a pedra...
(p. 129, linhas 353-360)

(39)

Inf. [...] tem filmes por exemplo que eu já assisti e que eu lembro certas partes então eu estou vendo que a a dublagem não é a mesma que foi feita no cinema e na televisão mas outros eu não::não dá pra notar porque eu **não conhe/não não assisti o filme...**
(p.28, linhas 233-242)

(40)

Inf. a administração pública::hoje parte pro/ **após a refor/ após o decreto-lei** duzentos...de sessenta e sete que foi a reforma administrativa...
(p.51, linhas 56-59)

(41)

Inf. [...] antigamente...o vestibular era diferente...**nós estu/ fazíamos...doze cad/ doze matérias** ...e dividíamos geralmente fazendo quatro matérias para o por ano...
(p.193, linhas 6-12)

Como podemos observar, nas ocorrências apresentadas, o falante faz uma primeira escolha lexical, mas interrompe-a em plena formulação, substituindo-a, a seguir, por outra. Por meio dessa substituição verificamos, em (37), uma modalização temporal do verbo; em (38), ocorre uma adequação vocabular, na medida em que se passa de uma expressão de significação ambígua para outra mais precisa para o contexto do enunciado; em (39), também ocorre uma adequação vocabular, estabelecendo-se, de um lado, uma distinção entre *conhecer* e *assistir*, pois podemos conhecer um filme sem ter assistido a ele (conhecê-lo de ouvir falar, de ter lido sobre ele); de outro lado, porém, mantém-se entre esse dois verbos, no contexto em que aparecem, uma relação de equivalência, já que *assistir* ao filme é uma forma de *conhecê-lo*; em (40), com a interrupção da palavra *reforma*, tem-se a impressão de que o falante interrompe um segmento mais longo (por exemplo, *após a reforma da lei*) e já se antecipa com o termo adequado (*decreto-lei*); finalmente, em (41), a busca da adequação lexical (*estudar* por *fazer* e *cadeiras* por *matérias*) é determinada pela adequação da relação sintática entre *fazer cadeiras* e *estudar matérias*.

O procedimento dessa segunda subcategoria revela, de forma mais explícita, o constante monitoramento que o falante exerce sobre a construção de seu texto.

Considerando a natureza semântica dos desdobramentos lexicais dessa categoria, podemos identificar em todas elas, em grau maior ou menor, uma equivalência semântica e, dentro dessas relações de equivalência, um processo de correção. Esta correção, no presente caso, não consiste na total anulação do sentido da formulação interrompida, mas em sua adequação ao contexto, por meio de outra formulação. Aliás, este propósito corretivo da interrupção parece ser indiciado pelo fato de que a forma substitutiva segue imediatamente após a interrupção, sem haver, portanto, entre esta e a seqüência uma hesitação do tipo que ocorre nos segmentos (35) e (36) da primeira subcategoria.

Por fim, cabe registrar ainda que esta última subcategoria já é uma forma de desdobramento lexical de dois termos no mesmo eixo paradigmático, ocorrendo entre eles algum tipo de deslocamento, conforme mostram estes dois segmentos:

(42)

Inf. [...] quando são metabolizadas...o produto final é...açúcar glicose mas isso vai ser **met/** (mas)esse produto vai ser::é **absorvido pelo organismo...**
(p. 86, linhas 358-360)

(43)

Inf. [...] e as construções em firmas aí que é::referente a...demolições batidas...e (/s) apitam mesmo quando os **func/ os empregados** da da obra...
(p. 87, linhas 393-397)

Fica evidente que, no segmento (42), ocorre um desdobramento lexical de “metabolizado” para “absorvido”, manifestando-se um deslocamento semântico de um termo de uso técnico para outro de circulação corrente. No segmento (43), o deslocamento semântico acontece de “funcionários” para “empregados”, caracterizando a busca de termo adequado para denominar o trabalhador da área da construção. Casos como esses poderiam, então, ser incluídos na análise do tópico seguinte, mas, por suas características formais, não os incluiremos.

Categoria 6 - Desdobramento lexicais no eixo paradigmático

Como dissemos, é a descrição dessa categoria que constitui o objetivo específico de nossa pesquisa. O trabalho de seleção lexical que a identifica assim se caracteriza: o falante, no fluxo do sintagma, faz suceder, após certa opção lexical, uma segunda possibilidade e, eventualmente uma terceira. Esse trabalho instala um desdobramento lexical de natureza paradigmática numa determinada casa do sintagma em construção.

A configuração dessa categoria de procedimentos de busca lexical vem explicitada nesta passagem:

(44)

Doc. e e e os artistas?

Inf. os artistas eh:: também... acho fabuloso inclusive na estou vendo essa *Mulheres de areia* porque são artistas muito bons e eles trabalham assim que parece tem então o Gianfrancesco Guarnieri parece **um um débil mental mesmo um louco...** não é bem louco mas assim **um excepcional...** e eu como lidei muito com isso quer dizer eu...
(p.34, linhas 433-443).

O falante, após fazer a opção lexical “*um débil mental*”, vê-se, por algum motivo, compelido a buscar nova formulação, e a encontra em “*um louco*”. Através da passagem de um termo a outro, ele promove no texto um deslocamento semântico, que vai de um sentido mais específico da primeira escolha para um sentido mais geral, revelado pela segunda.

Além da amplitude semântica, a expressão “*um louco*” confere ao enunciado um certo grau de agressividade. O falante, talvez querendo evitar esse efeito, faz uma correção, explicitamente marcada por “*não é bem louco*”, para “*um excepcional*”. Mesmo com todo esse trabalho, a definição lexical não foi definitiva, uma vez que ficou evidente no enunciado uma incerteza quanto à precisão do último termo, na medida em que ele vem precedido da expressão “*assim*”, a qual, como já vimos nas categorias anteriores, serve de índice de imprecisão terminológica.

Percebemos, então, que a seleção lexical que se evidencia no desdobramento “um débil mental mesmo”, “um louco” e “assim um excepcional” é um trabalho que se realiza no eixo paradigmático de uma casa do sintagma.

O esquema seguinte ajuda a compreender a natureza desse procedimento:

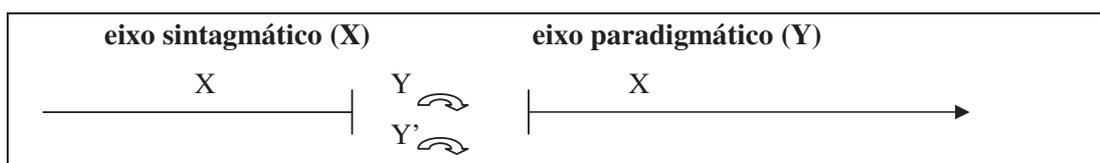


Figura 3- esquema sintagma e paradigma

X representa o eixo sintagmático no qual os termos se sucedem e se relacionam na construção do enunciado. Y e Y' representam o desdobramento lexical no eixo paradigmático de uma casa do sintagma, com vistas a uma definição lexical mais adequada para a comunicação em andamento.

O que acontece, nesse processo, não é a substituição de um termo por outro. Pelo contrário, os elementos, na medida em que vão se sucedendo, estabelecem, entre si, relações semânticas responsáveis pelos mais diversos movimentos de sentido. O que

importa, nesse processo, não é a última opção lexical definida, mas o sentido que vai sendo construído colaborativamente no conjunto do desdobramento. O sentido produzido resulta, portanto, da relação entre os termos, estabelecida no e em função do contexto — em seus diferentes níveis — da interação em desenvolvimento.

Queremos chamar atenção para o fato de que nosso interesse de investigação se restringe ao trabalho de busca lexical explicitado por um desdobramento lexical, no qual se revela uma gradativa aproximação lexical. Não focalizaremos, portanto, mesmo que apresentem certa semelhança, as ocorrências nas quais os falantes fazem suceder a uma formulação lexical uma paráfrase, a qual, geralmente se estruturando sintaticamente em torno de um núcleo verbal, tem quase sempre uma função explicativa, conforme mostra o segmento a seguir:

(45)

Inf. bom normalmente ainda predominaria a Medicina né? (que) normalmente o problema da Medicina assim ainda é um campo **assim um pouco obscuro com::diversas coisas ainda::a serem descobertas** como por exemplo o problema relativo ao câncer cardiologia...

(p. 65, linhas 564-569)

Em (45), o falante, depois de dizer “um pouco obscuro”, para caracterizar o campo da medicina, acrescenta, na seqüência, uma paráfrase que explica o sentido dessa expressão no contexto. Casos como esses não serão objeto de nossa análise, embora, como veremos, o desdobramento lexical estabelece, entre os termos, movimentos semânticos que também caracterizam as relações parafrásticas.

Cabe observar, ainda, que o desdobramento lexical no paradigma muitas vezes não se apresenta de forma exclusiva. Ele vem, muitas vezes, acompanhado de outras manifestações que sinalizam a busca lexical. Encontramos, em nosso *corpus*, inúmeras ocorrências em que a sucessão de termos vem acompanhada de pausas, marcadores de hesitação, expressões metadiscursivas e correções, enfim, de outros elementos que marcam o trabalho de busca lexical.

Os segmentos (46) e (47) ilustram esse caso:

(46)

Inf. na praia jogos?... bom o que eu vejo lá:: na na praia
o pessoal joga muito aquelas... **raQUÉtes** assim...
jogam **vôlei**...
é **tênis de praia** que se chama aquele com a raquete
é **tênis de praia**
vôlei isso que eu vejo na praia né?...

(p.102, linha 242-245)

Nesse segmento, a sucessão “raquetes”, “vôlei”, “tênis de praia” insere-se num contexto de hesitações - traduzidas por pausas, pequenas repetições e alongamentos -, de índices de incerteza (“assim”), de elementos metadiscursivos (“que se chama”).

Em contexto similar ocorre o desdobramento lexical na passagem seguinte:

(47)

Inf. NÃO ah::o que há::é que::normalmente sempre há um **certo::resquício**
assim uma::uma certa...eu diria assim assim **uma falta de integração** um
problema assim de::ah::...como é que eu diria pra vocês...como existe
discriminação racial discriminação de credo de cor existe uma certa
discriminação em termos de profissão também...

(p.59, linhas 363-369)

A seqüência “um certo:: resquício”, “uma falta de integração”, “um problema” vem acompanhada de pausas, alongamentos, repetições, marcadores de incerteza (“certo”, “certa”, “assim”) e recursos metadiscursivos (“eu diria”, “como é que eu diria pra vocês”).

Também a correção é um procedimento associado a essa busca lexical.

Observemos este segmento:

(48)

Inf. impressão de saúde?cor de pele...seria a co::r...**moreno assim...claro não**
é bem moreno...um bronzeado...

(p. 80, linhas 154-156)

Em (48), o que diferencia esse tipo de procedimento de outros já analisados é o evidente caráter corretivo de “bronzeado” em relação a “moreno assim... claro”. Mesmo nesse caso, embora a validade do primeiro termo seja total ou parcialmente anulada pelo segundo, o sentido deste, no texto, é construído na relação com o primeiro. Isso implica

dizer que, também no caso das correções, é no conjunto do desdobramento que se configura o sentido da definição lexical no texto.

1. A atuação dos interlocutores na atividade de seleção lexical

Já dissemos que o processo de seleção lexical é um procedimento de construção do sentido, em situação de interação, o que implica dizer que, em qualquer instância, esse sentido é construído com a participação do interlocutor. É o princípio da co-enunciação constitutiva do texto. Há, no entanto, inúmeras ocorrências em que essa participação se manifesta explicitamente, como mostraremos a seguir.

A exemplo de outros procedimentos de construção do texto falado que já estudamos (cf. cap.II), como a repetição, a paráfrase e a correção, a seleção lexical é uma atividade que pode ser desencadeada e realizada pelo falante ou pelo ouvinte. A intervenção deste último não precisa, necessariamente, ser de natureza verbal, podendo a reelaboração lexical ser desencadeada por gestos, mímicas, expressões faciais e outros recursos paraverbais ou não verbais. Como, no entanto, o nosso *corpus* não registra dados não-verbais, abordaremos, na seqüência, a atuação dos interlocutores no trabalho de seleção lexical somente com base nas intervenções verbais.

Nesse sentido, dois aspectos podem ser observados: a) a *realização* do desdobramento lexical; b) a *iniciativa* de desencadeá-lo. Para a análise que segue, consideramos interações entre dois falantes, F1 e F2, nas quais, obviamente, ambos alternam os papéis de falante e ouvinte.

Se qualquer um dos falantes produzir um enunciado e, por algum motivo, em determinado momento de sua evolução, proceder a um desdobramento lexical nesse próprio enunciado, fará um *autodesdobramento*. Se, no entanto, um deles proceder a um desdobramento lexical de um elemento do enunciado em construção pelo outro, produzirá um *heterodesdobramento*.

No que se refere ao desencadeamento do desdobramento lexical, se a iniciativa for de quem produziu o enunciado, teremos um desdobramento *auto-iniciado*; mas, se ela for do ouvinte, teremos um desdobramento *hétero-iniciado*.

Combinando realização e iniciativa, pode o trabalho de seleção lexical ser:

- a) um autodesdobramento auto-iniciado: quando F (F1 ou F2) desdobra seu próprio enunciado por iniciativa própria;
- b) um autodesdobramento heteroiniciado: quando F (F1 ou F2) desdobra seu enunciado por iniciativa do ouvinte;
- c) um heterodesdobramento auto-iniciado: quando F (F1 ou F2) tem seu enunciado desdobrado pelo ouvinte, por iniciativa deste;
- d) um heterodesdobramento heteroiniciado: quando F (F1 ou F2) tem seu enunciado desdobrado pelo ouvinte, por iniciativa de F.

Exemplificaremos, a seguir, cada uma dessas atuações dos interlocutores no trabalho de seleção lexical, por meio da análise de segmentos interacionais de nosso *corpus*.

a) Autodesdobramento auto-iniciado

(49)

(F2) Inf. [...] desde que se estuda o trabalho desde o momento em que o trabalho até o momento em que:: se tem
por uma concepção moderna
por uma concepção nova de que o trabalho por uma vontade de de realizar alguma coisa de criar de fazer alguma coisa...
 (p. 59, linhas 348-353)

(50)

(F2) Inf. então ah::esse pessoal que normalmente ingressa na empresa
como estagiário
como bolsista tem ah::noventa por cento de chances de se aprovar como empregado posteriormente quando formado...
 (p.55, linhas 216-220)

Nos segmentos (49) e (50), os desdobramentos lexicais em destaque são realizados pelo falante e por iniciativa deste. Ao menos não há nenhum fator verbalmente explícito – um problema de compreensão, por exemplo - que denuncie a intervenção do ouvinte.

b) Autodesdobramento heteroiniciado

Devido às especificidades do *corpus* analisado em nossa pesquisa, nele não ocorreram autodesdobramentos heteroiniciados. Isso se justifica, a nosso ver, pelas condições de produção dos inquéritos. A tarefa atribuída ao documentador era a de simplesmente conduzir a conversa, através de perguntas e inserção de novos tópicos a serem comentados pelo informante, e não interferir significativamente no enunciado produzido por ele. Certamente, se a conversação fosse oriunda de uma interação entre dois informantes, teríamos ocorrências desse tipo de atuação, visto que ambos estariam em igual relação de comunicação. Buscamos, então, um segmento de fala em Castilho e Preti (1987):

(51)

(F2) L2- então tanto que quando eh chega a ponto de até às vezes ele éh éh ele::escrever para a faculdade...pedindo...os melho/ah os nomes dos melhores alunos...dos últimos anos para poder eh poder procurar

[

(F1) L1- localizar

(F2) L2- para poder localizar...porque realmente a dificuldade é grande

(p.160)

O enunciado formulado por F2 “poder procurar” é alterado para “poder localizar” devido à iniciativa do ouvinte (F1) em sugerir uma nova formulação.

c) Heterodesdobramento auto-iniciado

(52)

(F1) L1-não inclusive eu estava respondendo para você::colega...o o o:: fato de eu ter escolhido a profissão **do do...**

(F2) L2- **economista...**

(F1) L1- **economista** né?...então realmente eu fiz o ginásio estava fazendo o ginásio...

(Castilho e Preti, 1987,p.70)

(53)

(F2)Inf. [...] eu disse vice-presidente ainda agora né? Mas não vice-presidente é o outro...ele FOI no ano passado...ele é::como é que se diz a pessoa que **cuida do CLUbe**...que toma::não é **ecônomo** é o que toma conta assim do::...dessa parte::que ele tem que cuidar da das obras tudo

(F1) **Doc. diretor patrimonial...**

(F2) **Inf. di/diretor::do patrimônio...é isso...né?....**

(p.98, linhas 100-108)

Observemos que, em ambos os segmentos, o ouvinte (F2), por sua iniciativa, dá prosseguimento a uma definição lexical proposta pelo falante (F1), cuja intervenção, por sua vez, também constitui um heterodesdobramento auto-iniciado.

d) Heterodesdobramento heteroiniciado

(54)

(F1)Doc. quais seriam as causas do problema de colocação de formandos em escolas superiores?

(F2)Inf. qual seria?

(F1) Doc. os problemas as **causas de problemas de colocação de formandos...**

(F2) Inf. isso referente a: **o problema dos:... dos excedentes de vestibular**
a::ausência de vagas ou::eu não entendi bem

(p.53-54, linhas 156-164)

(55)

L1- sei lá estão falando muito nisso viu? poluição do ar agora

(F2) **L2-** é:: **o tema do momento né?**

(F1) **L1-** é **a moda** mesmo...

L2- é...é a moda...

(Castilho e Preti, 1987, p.66)

Em (54), denuncia-se um problema de compreensão no segundo turno, por meio da pergunta do informante “qual seria?”. Em decorrência, F1 retoma seu enunciado anterior sem, no entanto, resolver o problema para F2. Este, então, na tentativa de buscar a compreensão, reelabora duplamente o enunciado de F1, buscando formular o que este quer dizer por “as causas de problemas de colocação de formandos”. Portanto, é F2 que busca uma formulação lexical para o enunciado de F1, levado a isso pelo fato de este não conseguir definir um termo ou uma expressão que solucione o problema de compreensão para o primeiro. Trata-se, portanto, de um heterodesdobramento hetero-iniciado.

Procedimento de natureza idêntica se verifica em (55), em que F1, por meio de “a moda”, prossegue especificando a definição lexical de F2, “o tema do momento”. E a iniciativa dessa especificação pode-se atribuir a F1, já que, por meio de “né?”, de alguma forma interpela seu interlocutor a uma intervenção.

Verificamos o comprometimento mútuo dos interactantes com a construção dos sentidos do texto em ambos os segmentos analisados, mantendo eles, para tanto, constante

posição ativa e responsiva, com o objetivo último de garantirem a intercompreensão e, por conseguinte, de levarem a bom termo a interação em desenvolvimento.

Embora não queiramos argumentar com base em dados estatísticos, pudemos constatar a absoluta predominância das autodesdobramentos auto-iniciados no *corpus* analisado. Isso, com certeza, se deve ao tipo de inquéritos analisados. Todos eles são entrevistas em que o documentador (entrevistador), depois de fazer a sua pergunta (em geral previamente preparada), deixa o informante (entrevistado) falar sem, em princípio, intervir na resposta. A intervenção eventualmente ocorre, quando o informante não dá ao documentador a resposta esperada, fato que é geralmente determinado por problemas de compreensão da pergunta deste último ou de aspectos inerentes a ela. Nestes casos, desencadeia-se uma seqüência interativa, não planejada, com o objetivo de solucionar o problema de compreensão. É nesse contexto que as negociações lexicais assumem, então, com mais freqüência, características explicitamente interativas.

2- A construção do sentido entre os termos desdobrados

Como dissemos, o processo de construção do sentido se dá no conjunto da enunciação, isto é, ele se constrói na totalidade do enunciado, o que nos faz considerar que, mesmo procedendo a desdobramentos lexicais, cada nova alternativa acrescenta e constrói sentidos.

A relação semântica estabelecida entre os termos do paradigma pode apresentar naturezas diferentes, embora, na grande maioria dos casos, ela possa ser caracterizada como uma relação de equivalência semântica, isto é, como já dissemos, quando focalizamos as relações parafrásticas, entre os termos em relação existe um certo grau de identidade semântica. Esta gradação de equivalência pode se estender desde um grau máximo, expressa numa repetição denotativo-referencial, até um grau mínimo, quando é aparentemente imperceptível, mas identificável pelo contexto.

Analisando as ocorrências de desdobramentos lexicais do *corpus*, do ponto de vista da relação de equivalência semântica entre os termos, podemos enquadrá-las, num primeiro momento, em três grandes categorias: a) desdobramentos cujos termos apresentam entre si um grau forte de equivalência semântica, a ponto de poderem ser

percebidos como sinônimos intercambiáveis entre si no contexto em que se encontram; b) desdobramentos em que os termos não são intercambiáveis, mas explicitamente revelam deslocamentos semânticos de diferentes tipos, com diferentes funções; c) desdobramentos que se caracterizam pela relação de correção entre os termos, manifestando-se, neste caso, não um grau de equivalência semântica entre os termos, mas sim uma relação de contraste semântico total ou parcial entre eles.

Apresentaremos, a seguir, a análise de ocorrências dessas três categorias. Primeiro focalizaremos os desdobramentos do tipo (a) e (c). Por último, os do tipo (b), aos quais, queremos dar atenção especial, já que são eles os que ocorrem em maior número no *corpus* e pelo fato de neles podermos identificar vários tipos de movimentos semânticos que correspondem a diferentes formas de produção do sentido no processo de seleção lexical que estamos aqui investigando.

2.1- Desdobramentos sinonímicos intercambiáveis no contexto

Observemos estes segmentos de fala:

(56)

Inf. desde o trabalho escravo desde o trabalho em que o homem trabalhava para:: assim:: para:: vamos dizer assim trocar a sua vida pelo trabalho desde que o trabalho é um:: era uma coisa existencial que ele necessitava de trabalhar

para manter a sua existência

pra manter a sua vida... não só sobreviver vamos dizer assim ah::no sentido de:: de se manter vivo mas também no sentido de trabalho esCRAvo (que) se ele não trabalhasse ele era morto...

(p.59, linhas 336-345)

(57)

Inf. não...eu acho que deviam dar a eles mais condições entende?e reconhecer não é? porque são serviços...

primordiais...

essenciais...

indispensáveis... ah já viu já imaginou quando há uma greve entende?...

(p. 185, linhas 649-654)

Os segmentos que exemplificam essa primeira categoria¹⁸ mostram o propósito do falante em definir uma forma lexical que garanta a compreensão ao ouvinte. Podemos

¹⁸ No Anexo A, apresentamos outros segmentos do *corpus* nos quais aparecem, a nosso ver, desdobramentos lexicais de mesma natureza.

perceber que o fato de o falante propor um novo termo parece não promover um deslocamento semântico evidente, uma vez que as formas lexicais são intercambiáveis entre si. Há, por assim dizer, entre “manter a sua existência” e “manter a sua vida”; entre “primordiais”, “essenciais” e “indispensáveis” uma relação sinonímica perfeita, o que permitiria admitir que são dispensáveis, do ponto de vista da produção do sentido, os termos que sucedem ao primeiro ou que estes poderiam com igual dimensão semântica substituir o primeiro.

Na verdade, como já dissemos no segundo capítulo, essa equivalência semântica extrema entre dois termos ou enunciados no desenvolvimento da interação conflita com o princípio da progressividade textual. Na seqüência da interação, qualquer iniciativa do falante, mesmo que seja uma repetição na forma, sempre é um avanço na construção interativa do texto. Segundo Catherine Fuchs (apud HILGERT 1991, p. 38), “tudo a que se possa recorrer, no estrito sentido lingüístico, para estabelecer uma identidade de sentido, funciona sempre, na prática discursiva concreta, como um avanço, como um desdobramento de sentido. Há sempre progressão discursiva, argumentativa, jamais real repetição ou tautologia, ou simples decalque de sentido”.

Portanto, podem os desdobramentos aqui analisados não revelar deslocamentos semânticos entre os termos, no contexto em que se encontram, mas o sentido que eles propõem em conjunto tem outra dimensão do que a ocorrência de somente um deles. Segundo Hilgert (2003,p.92), “ a presença dos dois termos parece ampliar o horizonte semântico daquele eixo paradigmático, atestando, de um lado, a vaguidade semântica das palavras no uso conversacional e, de outro, oferecendo ao ouvinte elementos para a construção do sentido”. Aliás, aqui cabe lembrar que o desdobramento lexical não pode ser focalizado somente na perspectiva do falante, mas também na do ouvinte. Com a seqüência sinonímica do segmento (57), por exemplo, o falante de certa forma supre um trabalho de seu interlocutor na construção da compreensão, na medida em que lhe explicita essa construção.

2.2 Desdobramentos de natureza corretiva

Em muitas ocorrências, o trabalho de seleção lexical se realiza por meio de procedimentos de correção, conforme mostram as seguintes passagens:

- (58) Inf. [...] há também o campo de empresa privada na parte de::consultoria...há:: magistratura... promotoria... enfim
há
existe
pode haver uma certa competição profissional pelo número de pessoas e pela a::profusão de faculdades.
 (p. 51, linhas 71-77)
- (59) *Doc.* e antes da televisão tu costumavas ouvir mais rádio?
Inf. não... **eu não ouvia muito/**
quer dizer sempre::em casa quand/quando estava em casa eu ouvia muito porque eu gosto de música entende não...
 (p.22, linhas 48-52)
- (60) Inf. nunca **entrei...** nunca **desci** para:: para ver o:: o trabalho no... embaixo da mina dentro da mina e:: ... visitar aquelas galerias... embora tivesse:: curiosidade de ver mas nunca tive oportunidade...
 (p. 133, linhas 484-488)
- (61) Inf. uhn uhn...e hoje de manhã ele ainda se comunicou com o Flávio Alcaraz Gomes...através do rádio da sua casa dele Érico...com::o Flávio na China...em Pequim...sabe?...e eu **assisti** o:: **ouvi** o programa pelo rádio por acaso...
 (p. 180, linhas 488-492)

Como observamos, após a formulação do primeiro termo, o falante, por alguma razão, considera seu uso errado, inadequado ou impreciso para o sentido a ser produzido para aquele momento da interação, em função de seus propósitos na comunicação. Procede, então, a uma correção parcial ou total, estabelecendo na construção do texto um contraste semântico em maior ou menor grau. Mesmo que o procedimento corretivo anule totalmente a validade do termo anterior, não é somente a nova palavra que importa, mas sim a sua inclusão contraposta ao termo corrigido. Em outras palavras, é o processo de explicitar o contraste semântico que gera o sentido na evolução da interação.

Os procedimentos de correção mais explícitos são os marcados, isto é, os introduzidos por um marcador de correção como é o caso de “quer dizer”, no segmento (59). Comumente, porém, os desdobramentos corretivos não vêm marcados. Do ponto de vista de sua natureza, as correções podem ser conceituais ou modalizadoras. As conceituais anulam a validade do primeiro termo, podendo essa anulação ser total ou parcial. Uma anulação total se verifica, por exemplo, na passagem de “assisti” para “ouvi” (61), já que a programa de rádio não se assiste, mas a gente o ouve. Anulação parcial, no entanto, pode ser considerada a passagem de “entrei” para “desci” (60), uma vez que o último termo

precisa o deslocamento do alto para a profundidade e não somente a entrada na mina, movimento que, porém, não fica descartado em relação ao de descida. Há, de certa forma, uma relação complementar entre os dois movimentos. Por correções modalizadoras entendemos aquelas que ocorrem com formas verbais como a do segmento (58). Na passagem de “há / existe” para “pode haver” não está em jogo o aspecto conceitual, mas o fato de se buscar a atenuação de uma afirmação categórica.

Por fim, cabe ainda registrar que nem sempre podemos identificar com clareza, nem mesmo pelo contexto, se há uma relação de correção¹⁹ entre os dois termos, especialmente nos casos de busca de adequação denominativa. Por isso, só identificamos de natureza corretiva os desdobramentos em que este caráter é claramente perceptível, como ocorre nas anulações totais por erro conceitual e nas parciais, quando o contexto não deixa dúvidas quanto a isso.

2.3 Desdobramentos com deslocamentos de sentido evidentes

A passagem de um termo para outro no processo de seleção lexical, como já dissemos, é, necessariamente, um fator de progressividade textual. A relação de equivalência semântica predominante nessa relação se realiza, portanto, em diferentes graus, desde um grau mínimo, em que somente algum traço semântico é comum entre os termos, até um grau máximo, em que eles se relacionam por força de uma relação próxima da sinonímia absoluta. Isso nos permite falar de uma gradação que vai de uma relação de equivalência fraca a uma forte. Em graus extremos, poderíamos dizer que, no primeiro desses pólos, situa-se o contraste semântico, revelado pela ausência de uma relação de equivalência semântica, que é o caso da correção já analisada; e, no segundo, a relação entre sinônimos perfeitos, também já comentada anteriormente, ou até a relação entre termos repetidos.

No que respeita às relações de equivalência semântica com evidentes deslocamentos de sentido, predomina, em nossos dados, a tendência para uma relação de

¹⁹ Outros segmentos de natureza corretiva podem ser encontrados no Anexo B.

equivalência forte, ou seja, há uma evidente relação sinonímica entre os termos, e o deslocamento semântico entre eles vai na busca da construção de um sentido mais preciso para os propósitos da comunicação em curso. Do ponto de vista do propósito da comunicação, o sentido mais preciso pode se definir por meio de movimentos semânticos de especificação e generalização: nos primeiros, ocorre uma passagem de um termo semanticamente mais abrangente para outro mais específico; nos outros, a passagem vai de um termo semanticamente mais restrito para um mais geral. Portanto, entendemos por sentido mais preciso para os propósitos da comunicação aquele que melhor garante a intercompreensão entre os interlocutores.

Os desdobramentos lexicais que se caracterizam por esses dois movimentos semânticos mais recorrentes constituem as duas primeiras subcategorias que a seguir definimos. As demais reúnem desdobramentos com outras características semânticas, podendo alguns até ser simultaneamente enquadrados numa das duas primeiras categorias.

a) Desdobramentos lexicais com movimento semântico do específico para o geral

Este movimento geral pode-se apresentar, em cada contexto, por meio de relações que se caracterizam por operações semânticas de naturezas diversas, como mostram ocorrências do *corpus*²⁰:

—Relações de denominação

(62)

Inf. geralmente são::os que chamam **trituradores são os molares**...tanto superiores quanto inferiores....

(p. 86, linhas 373-375)

(63)

Inf. [...] procurando assistência com um técnico ou com uma técnica que entende do assunto...e de::de uma orientação como... utilizar... meios para que se... previna a cárie...a cárie desculpe ((risos)) **a:: a:: queda de cabelo... calvície**... precocemente...

(p. 78, linhas 88-93)

(64)

²⁰ Outros exemplos de segmentos com desdobramentos lexicais do específico para o geral estão no Anexo C.

Inf. [...] devo confessar que realmente NÃO vi ainda um **um pôr-do-sol**
um crepúsculo TÃO bonito como esse colorido assim meio
 avermelhado avermelhado dourado Tão bonito como em Porto Alegre...
 (p. 120, linhas 25-28)

Entendemos que, nesses desdobramentos lexicais, ocorre um movimento semântico do específico para o geral, na medida em que neles verificamos a passagem de um termo de uso corrente para outro de uso, digamos, técnico. Podemos então considerar o primeiro termo como sendo uma espécie de explicação do segundo, ou seja, um procedimento de definição ao inverso, em que primeiramente é dada a definição e, na seqüência, o termo definido. Por isso constatamos nessas relações acima um procedimento de *denominação*. Adiante, quando falarmos do movimento semântico de especificação, destacaremos o processo de *definição*, em que, no desdobramento lexical se parte de um termo geral para, a seguir, defini-lo.

Também no exemplo seguinte (65), verificamos um procedimento de denominação, porém, com características um pouco diferentes. O falante chega à denominação (nariz de pugilista) por meio da apresentação de aspectos descritivos do objeto que busca denominar.

(65)

Inf. [...] o nariz...do branco...de::modo geral ele é...éh alongado...sem::nenhum achatamento...em contra a face agora com a raça negra é o contrário...**ele não é muito alongado e ele é mais achatado** o que eles chamam...como é que é?...**nariz de pugilista**...

(p. 84, linhas 298-303)

Em nossa percepção, os segmentos a seguir apresentam características similares a este último. O falante, partindo de um ou mais traços característicos, conclui o desdobramento lexical num termo que, de alguma forma, pode ser identificado a partir desses traços.

(66)

Inf. [...] gosto de música popular...clássica...**música leve assim música orquestrada**

(p. 57, linhas 292-294)

(67)

- Inf. [...] eu sempre gostei MUIto da campanha eu gostei muito de ter visto assim na campanha aquele aquela **ondulação::leve discreta né?...de coxilhas pouco quebradas** como diz o gaúcho aí no interior...
(p.124, linhas 177-181)

—Relações hiponímico-hiperonímicas:

(68)

- Inf. [...] conforme pode-se observar... raspam... depois pintam com...acho com:: **lápiz** ou::... ou ou **material adequado para isso** mesmo...
(p. 81, linhas 190-193)

(69)

- Inf. [...]ah:: jovens... apresentavam esse problema...atualmente não **a prática de esportes... de ginástica...** enfim...**esportes em geral**...essa posição dos ombros são...acompanham...uma linha NORmal do corpo...
(p. 90, linhas 499-503)

(70)

- Inf. na aula enquanto todos **brinCAvam** jogavam futebol **estavam se divertindo...** nós ficávamos presos... quem se comportava mal ficava dentro da sala... era era assim...
(p. 202, linhas 294-297)

(71)

- Inf. diga-se de passagem...ENTÃO... os padres davam um::um livrinho...eu agora nem nem me lembro mais o nome dele...com contas pra serem feitas...**de:: de somar:: diminuir:: de multiplicar:: de dividir das quatro operações...**
(p. 207, linhas 485-489)

(72)

- Inf. ele deixou um nome bonito na escola...e tem nome muito bonito na sua congregação...o outro chama-se Gustavo Pereira Filho...ele esteve depois em Pelotas... **dirigin::do:: auxiliando** muito a instalação da faculdade católica de Pelotas...
(p. 200, linhas 231-236)

Em todos esses segmentos verificamos um movimento semântico de generalização, na medida em que um termo semanticamente mais restrito- um hipônimo- é incorporado por outro mais abrangente- um hiperônimo. É o que verificamos na passagem de “lápiz” para “material adequado para isso” em (68); de “ginástica” para “esportes em geral” em (69); de “jogavam futebol” para “estavam se divertindo” em (70); de “de somar”, “diminuir”, “multiplicar”, “dividir” para “as quatro operações” em (71); de “dirigindo” para “auxiliando” em (72). Talvez, no último exemplo, essa relação hiponímico-hiperonímica seja um pouco sutil, podendo-se admitir que ambos os termos possam ser usados um pelo outro. Em todo caso, resta a possibilidade de entender que *dirigir* seja uma forma específica de *auxiliar*, o que identificaria a natureza semântica aqui proposta.

—Relações metonímicas

(73)

Inf. na praia jogos?...bom o que eu vejo lá::na na praia o pessoal joga muito aquelas...**raQUETes assim... jogam vôlei... é tênis de praia que se chama aquele com a raquete é tênis de praia vôlei** isso que eu vejo na praia né?...

(p.102, linha 242-245)

(74)

Inf. [...] aí com ele meu PAI não quis mais...aí depois com professor...-que é hem?-()...como é que se chama naquele tempo **DENtro do::do próprio rio fizeram cerCADos...assim com FUNdo...uma espécie de piscina** né?

(p. 106, linhas 364-368)

(75)

Inf. [...] para me recorDAR das coisas de infância assim que a gente parece que (se) lembra até do CHEIro certas coisas aquele carama/caramanchão de...como é que se chama **aquelas florzinhas branquinhas bem cheirosas?...eu acho que é já/jasmin não é?umas pequeninas?...branquinhas?...eu acho que é que é jasmin...**

(p.109, linhas 460-467)

No primeiro desses segmentos (73), o falante vai em busca do nome do jogo praticado na praia por meio da menção de instrumentos próprios para a sua prática, no caso “raquetes” e “aquele com a raquete”. Ou seja, é a partir da formulação das partes que compõe o todo (o jogo) que o falante chega à denominação deste último. Em (74) e (75), o falante procede à busca lexical partindo da menção de termos que identificam objetos que também são partes de um todo, cuja denominação é o objetivo final do falante. Trata-se, então, nos três exemplos, de um movimento de seleção lexical que vai das partes para o todo o que caracteriza um movimento semântico de generalização por meio de um processo de natureza metonímica.

Os dados do *corpus* registram poucas ocorrências desse tipo. Isso é perfeitamente coerente, se considerarmos que os desdobramentos semânticos na seleção lexical têm o primeiro objetivo de garantir a intercompreensão entre os interlocutores o que se realiza, em princípio, mais comumente por processos especificadores e explicativos, como veremos a seguir.

b) Desdobramentos lexicais com movimento semântico do geral para o específico.

Também este movimento semântico pode se realizar por meio de operações semânticas específicas diversas, em diferentes contextos:

— Relações explicativo-definidoras

- (76) Inf. bom... de DIA as horas passam muito ligeiro né? Quando a gente vê já::já está terminando o dia está entrando a noite e as::das horas demoram a passar de noite **quando a gente tem insônia quando a gente perde o sono** senão elas passam ligeiro também...
(p.73, linhas 831-835)
- (77) Inf. na garganta?...ah **amigdaleptomia...** ou seja **a extirpação das amig/das amígdalas...**
(p. 90, linhas 481-482)
- (78) Inf. [...] uma má circulação...pode ocasionar... é falta de sangue...no centro superior ou seja...cérebro...ou levar a pessoa muitas vezes a: () ...bom...pode...ocasionar...o que se chama normalmente de:: **nervo dormente** ou seja **falta...de:: irrigação...**que possa manter esse::qualquer uma:: das partes do corpo...
(p. 91, linhas 526-532)
- (79) Inf. é pode causar o vulgarmente conhecido **joanetes... éh...apinhamento dos dedos...** quando são muito apertados na parte superior...
(p. 94, linhas 612-614)
- (80) Inf. [...] Porto Alegre é a minha terra natal...tanto aqui sempre vivi...eh::... gosto muito dela... é uma cidade que tem uma topografia muito interessante... **um promontório... partes altas...**
(p.119, linhas 3-10)
- (81) Inf. nós entrávamos de **fila... fila indiana... um atrás do outro...**(agora) entrávamos lá no no:: no pátio aí sim cada um naturalmente ia chegando e entrando ia:: fazendo o que quisesse agora depois que tocavam uma sineta...o irmão tocava uma sineta...
(p. 204, linhas 373-378)
- (82) Inf. o lábio do branco normalmente é...proporcional às feições do rosto... enquanto que...na::negra ah o lábio sempre é mais... digamos... **polpudo ele é mais... consistente...** unh:: tanto na parte superior como inferior...
(p. 85, linhas 312-315)

Observamos em todos esses segmentos²¹ um desdobramento lexical em que ao primeiro termo - de natureza mais técnica ou de uso mais especializado ou menos corrente - segue um outro de natureza explicativa, explicitadora ou, em síntese, de natureza *definidora*. Mesmo quando, em alguns desses segmentos, o primeiro termo é de uso corrente como é o caso de “insônia” “joanetes” e “fila indiana” o desdobramento lexical tem características explicativas. No último segmento (82), o segundo termo define o uso metafórico de “polpudo”. Todos esses exemplos em que o desdobramento lexical termina numa definição caracteriza-se por um movimento semântico inverso do que descrevemos acima no tópico “relações de denominação”.

Há algumas ocorrências no *corpus* que têm características similares a essas aqui descritas, embora não tenham natureza definidora, mas *esclarecedora*. São passagens em que o falante dá a entender que o primeiro termo não é uma formulação adequada ou suficientemente precisa e que, portanto, necessita de uma seqüência esclarecedora para garantir ao ouvinte a compreensão esperada.

É o que mostram estes segmentos:

(83)

Inf. olha eu não acredito...só ouço falar quer dizer que eu não posso afirmar uma coisa agora dizem que **as pessoas baixas...de estatura baixa**...éh testa mais ou menos larga...são mais propensas a ser inteligentes...do que os::longe::/longelíneos né?

(p.81, linhas 182-187)

(84)

Inf. música popular eu também já não...eu gosto de alGumas mas essas BEM modernas muito gritadas ou MUIto faladas assim...eu não aprecio...têm mesmo as modernas têm muitas bonitas eu vejo as minhas gurias tocando às vezes nos di/uns discos...e digo olha essa aí **está passável essa dá para se ouvir**...mas essas outras muito gritadas assim::elas não sei vêm na moda e...

(p. 114, linhas 627-635)

²¹ Outros segmentos dessa mesma natureza estão listados no Anexo D.

- (85) Inf. [...] Garganta do Diabo esta pedra de um lado **corre também água cai também faz quedas d'água**...grandes também e a gente pra chegar nessa pedra...a gente tem que tomar...DOIS barcos o primeiro vai-se da beira...da parte terri/ vamos dizer...da parte firme terra até uma ilha...depois se toma uma barquinha um pouco menor para ir DESTa ilha até a pedra...
(p. 129, linhas 353-360)

No primeiro desses segmentos, (83), ocorre uma desambigüização já que por “pessoas baixas” poderia o ouvinte entender metaforicamente pessoas desqualificadas. Em (84), a tradução de uma expressão de sentido genérico “está passável” para um sentido específico no contexto desfaz uma possível ambigüidade. E, finalmente, no terceiro segmento, (85), o segundo termo especifica a forma como a água corre, isto é, “faz quedas d'água”.

— Relações metonímicas

- (86) Inf. [...] a televisão por exemplo...televisão...tem uma::distância limite...que...nos::raios que são projetados sobre o...o vídeo...não prejudicam os olhos...agora...**se a pessoa não tem conhecimento disso não lê sobre isso**...fatalmente vem a ser prejudicada...
(p. 82, linhas 223-228)
- (87) Inf. [...] procurando fazer com que ela utiliza o...a::os pés...pra::...fazer a::...aquilo que uma pessoa normal faria escovar os dentes...éh::acender uma caixa de fósforo...um palito de fósforo...**escrever...bater à máquina**...
(p. 92, linhas 552-556)
- (88) Inf. ah eu acho uma beLEza...o pessoal ir pra::pra as olimpíadas treiNAR tudo é...são amaDOres todos né?...**eu não eu não leio muito negócio de esPORte...eu sempre viro as folhas né?**...
(p. 103, linhas 261-264)

No primeiro desses segmentos, verificamos uma relação entre o efeito(não ter conhecimento) e a sua causa (não ler sobre isso). Em (87) e (88), o desdobramento lexical se caracteriza pela relação entre uma ação(escrever/ não ler muito) e a forma como ou por meio da qual ela se realiza (bater à máquina / virar as folhas). Nos três exemplos, há um deslocamento semântico entre os termos que se realiza por meio de um processo metonímico do todo para um elemento que, de alguma forma, é componente da realização desse todo.

— **Relações hiperonímico-hiponímicas**

(89)

Inf. [...] éh::com essa::técnica...ah muito avançada atualmente... na confecção de::...de::esses **estofados** mesmo::... como se diz...**colchão pra:: pra camas...**

(p. 76, linhas 44-47)

(90)

Doc. você em geral tem problemas de garganta?

Inf. de modo geral não eu tenho **problema crônico de garganta...amigdalite...**

(p. 85, linhas 322-324)

(91)

Inf. [...] acho que o lar é indispensável pra pe/**pra criatura... para pessoa humana viver...**é preciso que haja esse aconchego de casa... para que se viva mais tranqüi::lo...

(p. 219, linhas 956-959)

Em ambos os segmentos, o primeiro termo incorpora semanticamente o segundo. O que define este como um hipônimo daquele. Esta relação mostra, evidentemente, um deslocamento semântico do geral para o específico no processo de seleção lexical.

Característica similar apresenta o desdobramento seguinte:

(92)

Inf. ...então eu palmilhava muito essa rua aí...**durante a juventude...tempo de solteiro estudante...**

(p.121, linhas 81-83)

“Juventude” é um hiperônimo que engloba semanticamente os dois termos subseqüentes.

c) Desdobramentos lexicais de natureza variada

Os casos que até agora analisamos em que ocorre um parentesco semântico evidente entre os termos do desdobramento lexical, apresentam, entre estes termos, deslocamentos semânticos do específico para o geral, ou, que é o caso mais comum, do geral para o específico. No entanto, há algumas ocorrências no *corpus* que explicitam claramente uma atividade de definição lexical por parte do falante, mas a relação entre os termos do desdobramento lexical não evidencia nem um parentesco semântico, nem algum dos deslocamentos semânticos referidos.

Vejamos estes segmentos:

(93)

Inf. ah eu fico...possessa se eu entro começ/ eh se eu já entro (no cinema) já começou...inclusive eu sou...a::pelidada pelas minhas colegas de **apressadinha de**::...(como) é ah::...**maNÍaca** ...

(p. 44, linhas 760-763)

(94)

Inf. ali no:: Espírito San::to Ipane::ma...então fomos...meu pai minha mãe minha irmã...e ele levou **um::remador junto um::amigo lá um...cliente**...eu sei que...

(p.106, linhas 376-379)

Aparentemente, não se verifica nenhum grau de equivalência semântica entre os termos dos dois desdobramentos lexicais. Em todo caso, o falante está à busca de uma denominação adequada, mas ela não acontece no sentido de uma especificação ou generalização semântica. É provável que, para o falante, haja, no ato da enunciação a predicação de algum grau de identidade semântica entre os termos, pois seria inconcebível que, nessa perspectiva, eles estivessem totalmente desvinculados entre si. Para o ouvinte, põe-se, a nosso ver, a mesma questão que já apontamos, quando analisamos as relações sinonímicas perfeitas no contexto. O falante cria, com o desdobramento lexical, uma espécie de campo semântico dentro do qual o ouvinte vai construir a compreensão. O sucesso da comunicação, como lá dissemos, não depende necessariamente da precisão semântica dos termos verbalizados pelo falante. Muitos dos sentidos são construídos pelo ouvinte, com o auxílio do contexto tanto lingüístico-discursivo quanto interacional. Nos exemplos acima, a indefinição lexical que os termos registram não traz problemas de compreensão e comunicação para os interlocutores, pois o contexto maior lhes dá condições para garantirem a intercompreensão e a conseqüente evolução da interação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A comparação do texto falado com o texto escrito, enquanto produtos da enunciação, mostra que, no primeiro, conservam-se explícitas todas as marcas do processo da enunciação e, no segundo, grande parte dessas marcas vêm apagadas. Por isso define-se o texto falado como um texto em *status nascendi*. Sua análise permite refazer em detalhes o caminho de sua enunciação, possibilitando retomar, passo a passo, como ocorreu, aqui e agora, o nascimento do texto na interação dos interlocutores em situação face a face.

O fato de ao menos dois interlocutores se encontrarem face a face e, condicionados por essa situação, interagirem lingüisticamente, de forma que o planejamento e a formulação da fala sejam simultâneos, é a condição básica que determina grande parte das características do texto falado. É em razão dessa condição que o texto falado deixa particularmente explícito o *trabalho* de sua formulação, por meio do qual se desenvolve o processo de construção dos sentidos no texto e do texto.

Esse trabalho de formulação se revela particularmente nas *descontinuidades* que se sucedem na evolução do texto. Essas descontinuidades são desencadeadas por diferentes fatores, tanto lingüístico-discursivos quanto contextuais e interacionais e se manifestam em diferentes atividades lingüísticas e paralingüísticas, dentre as quais são recorrentes interrupções de palavras e seqüências sintáticas, pausas, pausas preenchidas por elementos paralingüísticos, repetições de palavras – especialmente de formas átonas - ou segmentos mais longos, paráfrases, correções, atividades metadiscursivas com objetivos diversos, seqüências destinadas à solução de problemas de compreensão.

Todas essas formas de descontinuidades do desdobramento textual não devem ser entendidas como *problemas* de formulação no sentido de que, se eles não ocorressem, a formulação seria melhor. As descontinuidades na formulação do texto falado constituem, na verdade, *estratégias* usadas pelos interlocutores para, de forma direta ou indireta, construir sentidos, em diferentes níveis da organização textual, em função dos propósitos comunicacionais que eles perseguem. Assim, por exemplo, como vimos, pausas, pausas preenchidas por recursos lingüísticos ou paralingüísticos, revelam, quase sempre, um trabalho do falante na busca lexical de um termo ou de uma expressão mais adequada para garantir ao ouvinte a compreensão desejada do enunciado em construção.

Entendidas, portanto, as descontinuidades como estratégias de construção do texto, classificamos essas estratégias em duas grandes categorias, distinguindo aquelas que têm caráter *prospectivo* de outras que são de natureza *retrospectiva*. Da primeira categoria, fazem parte todas aquelas manifestações que, de alguma forma, apontam para a busca de um elemento na evolução do texto, por isso têm função prospectiva as hesitações em geral, já que sinalizam, verbalmente ou não, que o falante está *on-line* procurando uma alternativa de formulação. A outra categoria é constituída por atividades cujo escopo são enunciados já anteriormente instalados no curso da formulação. Realizam essa ação retrospectiva principalmente a repetição, o parafraseamento e a correção, exercendo tais atividades, como vimos, diferentes funções nos diversos níveis de construção do texto falado.

Como enfatizamos no decorrer de nosso trabalho, todas essas estratégias destinam-se à construção de sentidos interacionalmente negociados. Com isso, puseram-se em evidência, com base nos postulados teóricos de Bakhtin, dois aspectos. Primeiro, que falante e ouvinte são, ao mesmo tempo, co-enunciadores e co-enunciatários do processo da interação, na medida em que o falante constrói seus enunciados determinado pela configuração que faz do ouvinte e de suas expectativas, e na medida em que este último constrói a compreensão e interpretação da fala do falante —e não a decodifica—, acompanhando *on-line* suas “propostas de compreensão”. Nessa perspectiva bakhtiniana, podemos dizer que, assim como a atribuição dos sentidos é determinada pelo ouvinte, o fazer interpretativo é orientado pelo falante.

O outro aspecto posto em evidência é o de que o sentido das palavras é sempre definido por cada situação enunciativa em que elas ocorrem. É precisamente essa natureza semântica das palavras que, a nosso ver, cria inúmeras situações, na evolução dos textos falados, em que o falante interrompe o curso fluente de sua fala para buscar alternativas lexicais que atinjam, da melhor forma possível, seus objetivos de comunicação.

É a esse procedimento de busca lexical, que chamamos *seleção lexical*, o qual tentamos descrever, analisar e interpretar no *corpus* de nossa pesquisa. Vimos que o processo de seleção lexical se manifesta por procedimentos não-verbais (pausas e pausas preenchidas por recursos paralingüísticos) e verbais. No que respeita aos procedimentos verbais, eles podem ser identificados e classificados de acordo com o grau de sua explicitação lingüística. Nesse sentido, o trabalho de busca lexical é sinalizado por hesitações verbais, por procedimentos metadiscursivos, por marcadores de incerteza e imprecisão dos termos selecionados, pela interrupção de uma palavra em pleno curso de sua formulação e, finalmente, por um desdobramento lexical num determinado eixo paradigmático da seqüência sintagmática do enunciado.

Por estarmos particularmente interessados em analisar a construção do sentido interacionalmente determinado nesse processo de seleção lexical, centramos a nossa atenção principalmente neste último procedimento, quando o falante, na busca lexical, desencadeia, num eixo paradigmático, um desdobramento lexical de dois a três elementos. Analisando ocorrências desse tipo, identificamos, nos desdobramentos lexicais, dois grandes movimentos semânticos. O primeiro deles, se caracteriza pelo fato de haver entre os termos do desdobramento uma relação de equivalência semântica de diferentes graus. O outro movimento consiste numa relação de contraste semântico entre os termos revelados por procedimentos de correção total ou parcial.

Entre as ocorrências que se caracterizam por uma relação de equivalência semântica entre os termos, temos de distinguir dois grupos. Inicialmente, há passagens em que os dois termos, ou eventualmente os três, estão em uma relação sinonímica tal que qualquer um deles poderia substituir o outro no contexto em que se encontram. Isso poderia levar à interpretação de que um ou até dois desses termos seriam dispensáveis para a construção do sentido do enunciado em questão.

A nossa conclusão, no entanto, não é essa. Na verdade, partindo do princípio de que não existem sinônimos absolutos nem mesmo para um lugar específico de um contexto determinado, os diferentes termos do desdobramento lexical concorrem para a definição do sentido proposto para aquele ponto na evolução do enunciado. É possível que nenhum dos dois ou três termos seja especificamente adequado para a formulação, mas, no conjunto, eles compõem um campo semântico dentro do qual o ouvinte tem condições de construir a compreensão e interpretação do enunciado do falante.

Num outro grupo de ocorrências, os termos do desdobramento lexical não podem ser livremente alternados no contexto, embora entre eles se mantenha uma evidente relação de equivalência semântica. Essa relação se caracteriza por deslocamentos semânticos que, num nível mais amplo de análise, correspondem a dois grandes movimentos gerais: de uma abrangência semântica específica para uma geral e de uma geral para uma específica, o que, em outras palavras, leva a reconhecer um movimento semântico de generalização e outro de especificação.

Cada um desses movimentos realiza-se, nos diferentes contextos, por operações semânticas diversas. A generalização pode ocorrer por meio de procedimentos de denominação, de relações hiponímico-hiperonímicas e de caráter metonímico. A especificação realiza-se por relações explicativo-definidoras, metonímicas e hiperonímico-hiponímicas.

Essas operações específicas de cada um dos dois movimentos entendem-se umas em relação às outras. Assim, o desdobramento lexical que leva à denominação tem direção inversa ao desdobramento que busca a definição, já que denominar implica, de certa forma, partir da definição (de uma explicitação ou explicação) para o nome, enquanto que definir consiste em partir do nome para a sua definição (explicitação ou explicação). No caso das relações hiponímico-hiperonímicas, quando o desdobramento lexical vai de um termo que semanticamente é englobado pelo outro, fica evidente o processo de generalização. A especificação, obviamente, se realiza na operação semântica contrária. No que respeita às operações metonímicas, no caso da generalização, vai-se da parte ao todo, enquanto que, na especificação, o movimento metonímico vai do todo para as partes.

Como vimos, há ocorrências no *corpus* em que as palavras do desdobramento lexical aparentemente não apresentam parentesco semântico, não havendo, portanto, um deslocamento de sentido de uma para outra. Por outro lado, porém, elas parecem compor, no conjunto, um quadro semântico em que qualquer um dos termos é adequado para os propósitos do falante.

Em síntese, todas essas atividades que sinalizam e explicitam o processo de seleção lexical na construção do texto falado, e todos os movimentos semânticos que estão envolvidos nessas atividades, mostram, antes de mais nada, que o texto falado é a realização de um trabalho de formulação e de construção de sentidos, determinado pela condição interacional de sua produção.

Do ponto de vista específico da construção dos sentidos, especialmente no caso das ocorrências do *corpus* em que se verificam deslocamentos de sentidos no desdobramento lexical, o que ocorre é um constante movimento de aproximação lexical. E as formas dessa aproximação têm natureza e características similares, quando não idênticas, às das estratégias de construção do texto falado, como as repetições, as paráfrases e as correções. Nem sempre, nesse processo de aproximação, o falante encontra, para um determinado momento de sua fala, o termo preciso e adequado. Em nenhum desses casos, porém, parece ter havido problemas de comunicação decorrentes da falta de compreensão do ouvinte. A aproximação lexical a que o falante chegou foi suficiente para que o seu interlocutor pudesse, dentro do contexto lingüístico-discursivo e da situação interacional, construir a compreensão.

Por fim, quando falamos das razões que nos levaram a fazer este trabalho, lembramos que o estudo deste tema poderia abrir perspectivas para qualificar o trabalho com o ensino da Língua Portuguesa. Evidentemente, não fizemos nenhuma proposta metodológica para estudar textos da língua falada, mas cremos que a análise que fizemos aponta para inúmeros aspectos que permitem explicar aos alunos como realmente funciona a língua no uso falado e mostrar-lhes as características que o distinguem do uso escrito. Os textos falados, a nosso ver, não só podem, mas devem ser objetos de estudo em sala de aula, e os pontos que destacamos em nossa análise podem perfeitamente ser objeto de estudo, contanto que esse trabalho seja feito com textos bem escolhidos e de acordo com uma metodologia apropriada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAKHTIN, Mikhail M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 10^a ed. São Paulo: Hucitec, 2002.
- _____. *Estética da criação verbal*. 4^a ed. São Paulo: Martins fontes, 2003.
- BARROS, Diana Luz Pessoa de. Procedimentos de reformulação: a correção. In: PRETI, Dino(org). *Análise de textos orais*. São Paulo:FFLCH/USP, 1993.p.129-153.
- _____. Entre a fala e a escrita: algumas reflexões sobre as posições intermediárias. In: PRETI, Dino (org) *Fala e escrita em questão*. Projetos paralelos- NURC/SP. V.4, São Paulo: Humanitas FFLCH/USP, 2000. p.57-77.
- BARROS, Diana Luz Pessoa de; MELO, Zilda M.Z.C.. Procedimentos e funções da correção na conversação. In: PRETI, Dino (org.) *A linguagem falada culta na cidade de São Paulo*. Vol.IV São Paulo.T.A. Queiroz/FAPESP, 1990.
- CASTILHO, Ataliba T. de ; PRETI, Dino (Orgs). *A linguagem falada culta na cidade de São Paulo*. São Paulo: T. A. Queiroz/FAPESP, 1987, v.II- Diálogo entre dois informantes.
- COULON, Alan. *Etnometodologia*.Petrópolis: vozes, 1995.
- FIORIN, José Luiz. *As astúcias da enunciação*. São Paulo: Ática, 1996.
- _____. Pragmática. In: Fiorin, José Luiz (org.) *Introdução à lingüística II: princípios de análise*. São Paulo: contexto, 2003.
- HILGERT. José Gaston. *A paráfrase : um procedimento de constituição do diálogo*. Universidade de São Paulo. Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Tese de doutorado, 1989.

- _____. A semântica das relações parafrásticas na construção do texto falado. *Revista do curso de Pós-Graduação em Lingüística e língua Portuguesa da UNESP-SP-SériEncontros*. Araraquara, ano 5, n.2, p.30-41, 1991.
- _____. Procedimentos de reformulação: a paráfrase. In: PRETI, Dino (org). *Análise de textos orais*. São Paulo: FFLCH/USP, 1993, p. 103-127.
- _____.(org) *A linguagem falada culta na cidade de Porto Alegre: diálogos entre informante e documentador*. Porto Alegre:UFRGS; Passo Fundo:EDIUPF,1997.
- _____. A qualificação discursiva no texto falado.In: URBANO, Hudinilson et al.(org). *Dino Preti e seus temas:oralidade, literatura, mídia e ensino*. São Paulo: Cortez, 2001.
- _____. A colaboração do ouvinte na construção do enunciado do falante- um caso de interação intraturno.In: PRETI, Dino (org). *Interação na fala e na escrita*. Projetos paralelos- NURC/SP. V.5, São Paulo: Humanitas FFLCH/USP, 2002.
- _____. A seleção lexical na construção do texto falado. In: PRETI, Dino (org) *Léxico na língua oral e escrita*. Projetos paralelos- NURC/SP. V.6, São Paulo: Humanitas FFLCH/USP, 2003.
- _____. Parafraseamento. In: KOCH, Ingedore G.V. e JUBRAN, Clélia C.A.S. *Gramática do Português Falado: construção do texto falado.(vol.I)*. Campinas: Unicamp,2005 (no prelo).
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. A repetição na língua falada como estratégia de formulação textual. In: KOCH, Ingedore G. V. (org.). *Gramática do português falado* (vol. VI):desenvolvimentos. 2. ed. Campinas: Unicamp, 2002, p. 105-141.
- _____. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. 4^a.ed. São Paulo:Cortez: 2003.
- PRETI, Dino e URBANO,Hudinilson. *A linguagem falada culta na cidade de São Paulo*. São Paulo, T. A. Queiroz/FAPESP, 1988, v.III- Diálogo entre informante e documentador.

ANEXOS

ANEXO A Segmentos com termos sinonímicos intercambiáveis

- Inf. [...] na hora em que está acontecendo a emoção eu acho que já já é diferente a gente não está vibrando junto inclusive também com programas ah na entrega do Oscar...é bem diferente do que depois...que a gente::já sabe o resultado já sabe **o que aconteceu o que passou...**
(p. 32, linhas 354-358)
- Inf. ...então ah::esse pessoal que normalmente ingressa na empresa **como estagiário como bolsista** tem ah::noventa por cento de chances de se aprovar COmo empregado posteriormente quando formado...
(p.55, linhas 216-220)
- Inf. [...] desde que se estuda o trabalho desde o momento em que o trabalho até o momento em que::se tem por uma **concepção moderna por uma concepção nova** de que o trabalho por uma vontade de de realizar alguma coisa de criar de fazer alguma coisa...
(p. 59, linhas 348-353)
- Inf. olha...depende né?...há::por exemplo::aspectos posso trazer assim depoimento da minha família por exemplo::os meus avós morreram...ah::com **MAIS** de setenta anos...normalmen/ah::normalmente **o pessoal assim da idade deles da... contemporâneos esse pessoal que foi contemporâneo a eles...**
(p. 71, linhas 766-772)
- Inf. [...] procuro mantê-los sempre limpos...não só lavando duas vezes por semana mas...usando outros a/ **artifícios...eh outras:: maneiras** de mantê-lo limpo...sempre (bem) penteado...
(p. 77, linhas 71-75)
- Inf. bom o calouro de universidade...geralmente...ou...cortam o cabelo até uma certa altura...que pode vir a confundí-lo ou senão...**normalmente em regra geral** é...raspado o cabelo completamente...
(p. 79, linhas 142-146)
- Inf. bom...eu aqui na linha família nós sempre nos tratamos todos por tu os de casa nunca chamei a minha mãe::o meu pai de senhora...agora o meu marido já **chama a mãe dele...trata por senhora...né?** agora as...as pessoas que não são de casa que são TIOS...engraçado alguns

- tios eu chamo de senhor...
(p. 116, linhas 693-699)
- Inf. julgar é MUITO difícil...julgar as pessoas é muito difícil...quem quiser ju/julgar...periga...ser pré-julgado...agora julgar...em auto/em autos como no Direito aí é diferente...aí é OUtra coisa...o juiz...**quando julga...quando dá a sentença**...quando essa sentença é recorrida ao SuPREmo...
(p. 148, linhas 293-297)
- Inf. [...] na ocasião em que foram abertos os cursos...eu entrei na primeira turma **que se::instalou que se fundou** em Porto Alegre...eu não estava em Porto Alegre estava viajando quando voltei...eles fiz/a::universidade fez uma segunda chamada...
(p. 165, linhas 15-21)
- Inf. [...] fui fui cada vez mais me empolgando mais...com a possibilidade com o trabalho que se pode fazer::**de atendimento de auxílio**...éh::de oferecer inclusive oportuniDAde...de orientaÇAO...às pessoas que nos procuram...
(p. 167, linhas 71-76)
- Inf. acho que sim acho que se a pessoa estiver bem...capacitada para o que está fazendo eu acho que seria considerado um::...um() um::...**uma profissão nobre...uma profissão elevada**...que a::o magistério...tem um grande poder de influência né?me parece...de contato de comunicação...pode transferir as reivin/reivindicações...principalmente eu acho que o magistério...se liga com a::faixa mais...a faixa etária mais...mais baixa...as crianças...colégio...(escola) primária...as escolas maternas...
(p. 186, linhas695-701)
- Inf. por dinheiro...bem...eu acho que (isso) é muito difícil de responder porque **isso é muito pessoal muito subjetivo**...né? pensa bem eu acho que há pessoas que olham acima de tudo o ganho o lucro...
(p. 190, linhas 811-815)
- Inf. [...] o teatro eu acho que sim visto::representa uma::...**uma uma::uma manifestação uma expressão**...e a pessoa se realiza...muito...
(p.191, linhas 851-853)
- Inf. [...] essa federação acadêmica...era composta...de::alunos de todas as faculdades...e era um represenTANte de cada escola...formava então a diretoria da federação...e **eu tive a sorte...tive a feliciDAde** de se sempre o representante da Faculdade de Medicina junto à Federação...
(p. 198, linhas 160-166)
- Inf. [...] da faculdade de medicina eu fui sempre o representante...de modo que::então tive uma vida assim muito::...**muito Festi::va...muito alegre** também::fui::...um acadêmico muito

jovial...

(p.198, linhas 169-173)

Inf. **lá fomos muito bem recepciona::dos...fomos recebidos...com muito calor huMAno...tivemos lá a nossa madri::nhá ti/tinham os bailes em todas as localidades onde íamos...**

(p. 198, linhas 184-187)

Inf. [...] no princípio nós fazíamos separadamente (por) um dia era passava a faculdade de Medicina outro dia Direito e (às vezes) Engenharia...né?...e::mas antes mesmo...o::s os veteranos...quando iam chegando os... **os calouros bixos** né?

(p. 212, linhas 633-638)

Inf. [...] eu estava tomando a comunhão ele disse reparem o doutor S.T. está tomando a comunhão na cálice que tomei a comunhão...de modo que::me senti **muito feliz muito contente** de tomar a comunhão...

(p. 216, linhas 792-796)

Inf. nunca suportei essa IDÉIa de que ficasse aferrado...numa religião não admitindo a outra...eu tinha a minha...**mas eu SEMpre respeitei sempre admirei a religião dos outros...**porque acho que todas elas...têm...como ponto Base...como coluna MEStro...o bom princípio o bom ensinamento a boa doutrina a boa conduta...

(p. 219, linhas 874-881)

ANEXO B Desdobramentos lexicais de natureza corretiva

- Inf. [...]há também o campo de empresa privada na parte de::consultoria...há::magistratura...promotoria...enfim **existe pode haver** uma certa competição profissional pelo número eleVAdo de pessoas e pela a a::profusão de faculdades.
(p. 51, linhas 71-77)
- Inf. [...] aí vem problemas de QUeda muito grande...de...cabelo...éh::no próprio::ca/no próprio::barbeiro...onde **os instrumentos...os materiais que ele usa diariamente...**
(p. 78, linhas 105-109)
- Inf. [...]...então isso POde vir acarretar...vários problemas entre eles...a pessoa que **não tem caspa...**pode ter caspa...(mesmo que::)a pessoa que **não tem seborréia** pode vir a ter seborréia...
(p. 78, linhas 112-116)
- Inf. impressão de saúde?cor de pele...seria a co::r...moreno assim...claro **não é bem moreno...um bronzeAdo...**
(p. 80, linhas 154-156)
- Inf. [...] procurando fazer com que ela utiliza o...a::os pés...pra::...fazer a::...aquilo que uma pessoa normal faria escovar os dentes...éh::acender **uma caixa de fósforo...um palito de fósforo...** escrever...bater à máquina...
(p. 92, linhas 552-556)
- Inf. [...] não sei se vo/ se vocês leram...a respeito justamente de negócio de visita né?...e ah::...a gente se encontra **sempre todos os Meses** nesse janTAR...com os amigos...quer dizer que POUco fora disso a gente não se encontra...
(p. 100, linhas 158-163)
- Inf. [...] lá no ginásio Rosário...jogar bola...e jogávamos BOla::...lá tem uma pátio muito GRANde no meio do **do::edifício...da construção** toda...mas é::é de laje...
(p. 206, linhas 441-444)
- Inf. [...] e a prova provada está aí o que eu estou dizendo...**tenho tem colegas** de turma que são...catedráticos...hoje na faculdade...e estudou durante todo o ano os seis anos que eu estudei...
(p.209, linhas 548-551)

ANEXO C Desdobramentos lexicais do específico para o geral

Doc. quais as posições que a senhora nadava...assim que modalidades?

Inf. éh::o **crow...peito...né?** a gente nada de costas também...mas que o que eu aprendi mesmo...naquele tempo que ele ensinou foi o::nadar *crow...*

(p.105, linhas 336- 341)

Inf. [...] eu me lembro até que...quando nós fomos na::(na viagem) era uma camionete...dava um cheiro de balaca queimada (em cima) que era **balaca** (não sei) **uma parte do automóvel**...acho que é da::das travas assim então dava aquele cheiro...(então) eram as balacas que estavam queimando...

(p. 107, linhas 409-416)

Inf. e...e depois então...eu acho que tem **os encanadores os homens que desentopem** os homens que...consertam as casas consertam o telhado...

(p.189, linhas 793-795)

Inf. mas nós não podíamos ter...**naQUEla ocasião... naQUEle TEMpo** o que os alunos têm hoje...

(p. 209, linhas 523-524)

Inf. [...] naturalmente há uma diferença muito grande...mas também exigir...que nós tivéssemos...**naQUEla ocasião...naQUEla época...**o progresso de hoje...seria exigir demais...

(p. 209, linhas 553-556)

ANEXO D Desdobramento lexical do geral para o específico

Inf. [...] quando são **metabolizadas**...o produto final é...açúcar glicose mas isso vai ser met/ (mas)esse produto vai ser::é **absorvido pelo organismo**...

(p. 86, linhas 358-360)

Inf. [...] pra ser franca raros filmes brasileiros que eu assisto...que geralmente elas apelam **pra sexo pra::a prostituição** também o o () o problema de de::como é delinquência infantil...

(p. 41, linhas 670-674)

Inf. se verifica mesmo dentro da universidade que a universidade forma...anualmente um número razoável **de profissionais de alunos** que ingressam nas escolas...e que delas saem...sem que a universidade possa ter uma mensuração...

(p. 49 linhas 8-12)

Inf. [...]Belém é uma cidade assim que fica em pleno Equador na linha equatorial por isso é que é uma cidade QUENte realmente...uma precipitação de água assim...quase que::matemática assim **à TARde Todos os dias à tarde três horas da tarde** cai uma chuvarada lá...**muito quente muito abafado**...mas uma cidade muito bonita...

(p. 131, linhas 407-413)

Inf. [...] poderíamos encontrar terras Boas que podem ser aproveitadas para cultura né?Cultura() como terras dessas...muito semelhantes as do norte do Paraná que são **terras muito boas terras vermelhas** além de trazer o progresso para aquela região né?...

(p. 132, linhas 438-444)

Inf. que mais falta é...**os técnicos os especialistas em::...os de habilidades manuais** digamos...ah::aqueles que...sem serem grandes éh::uma grande formação cultural ou superior...ah::talvez pudessem...dar um rendimento maior e mais rápido e mais eficiente na realização talvez (de tantos) projetos né?

(p.171, linhas 211-217)

- Inf. é depois trabalhou na Livraria do Globo muitos anos...depois se dedicou exclusivamente ao::...**a escrever a ser escritor**...e parece-me que ele é o único escritor que v/ vive de *royalties* dos direitos autorais...
(p.180, linhas 480-486)
- Inf. bom...quem me atende no banco é::...**o funcionário do balcão...os funcionários que são de menos graduação** que tem lá dentro...
(p. 187, linhas 724-726)
- Inf. agora o colégio não existe mais...e aí ia ia eu com meu **aventalzinho...meu uniforme aventalzinho**...ia pro colégio com as irmãs mais moças...
(p.195, linhas 78-81)
- Inf. [...] os padres tinham um::...carinho especial pela aquela turma...de modo que de vez em quando nós não nos comportávamos muito bem no::nas aulas...não estudávamos chegávamos com a matéria um pouco atrasada...nós então dizíamos por::pro pro irmãos professores Olha irmão mas eu tenho que sair...mais cedo...porque nós temos um::hoje que::fazer um ensaio na BANda...e eles então abriam mão...às vezes **uma tarefa um castigo** que dessem...então nós tínhamos essa vantagem...
(p. 196, linhas 96-107)

ANEXO E Normas para transcrição

OCORRÊNCIAS	SINAIS	EXEMPLIFICAÇÃO
Incompreensão de palavras ou segmentos	()	sorteio () e prêmios bons de viagem às vezes tem...
Hipótese do que se ouviu	(hipótese)	esse jantar dançante ... é assim vamos (lá)... eles ah...
Truncamento (havendo homografia, usa-se acento indicativo da tônica e/ou timbre)	/	agora não me le/ não tinha me lembrado...
Entonação enfática	maiúscula	[...] diversão é com esta TURma da diretoria...
Prolongamento de vogal e consoante (como s,r)	:: podendo aumentar para ::: ou mais	as coisas do:: do salão...
interrogação	?	Em casa é:: os aniversários da gente né?
Qualquer pausa	...	Não... jogar nunca meu forte...
Comentários descritivos do transcritor	((minúscula))	[...] para entrar nessa casa aqui... ((riso))
Comentários que quebram a seqüência temática da exposição; desvio temático	-- --	[...] aí depois com professor.-- que é hein?--
Simultaneidade de vozes	ligando [as linhas	Tu estás colocando é um conceito [não eu não estou